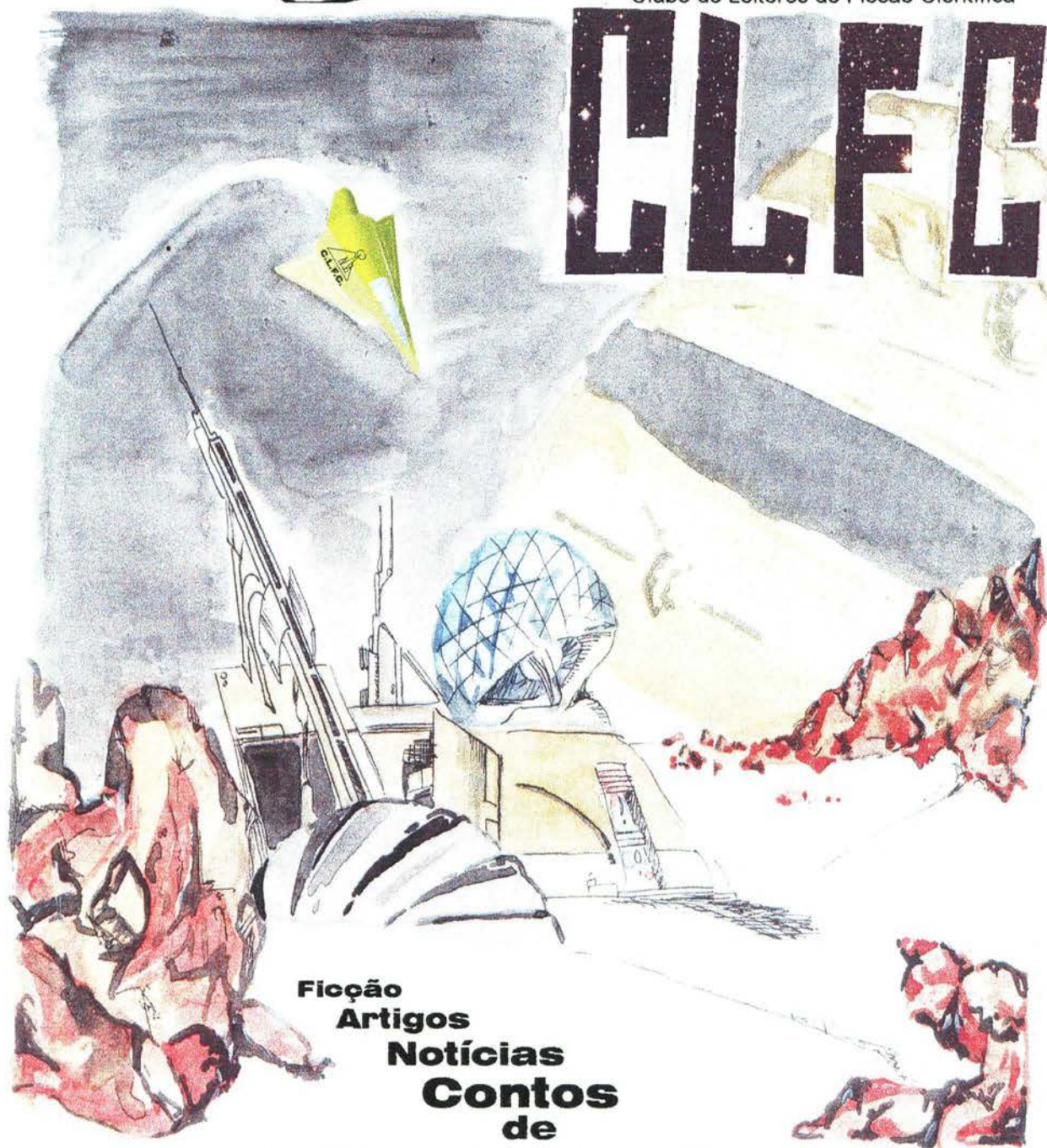


Ano XVI

Nº 75

# SOMNIUM

Publicação Oficial do  
Clube de Leitores de Ficção Científica



Ficção  
Artigos  
Notícias  
Contos  
de

**Carlos O. Martinho**  
**Edgard Powell**  
**Lucio Manfredi**

Ensaio de André Carneiro, Ataíde Tartari e Finisia Fideli

**E mais... livros e Internet**

# Índice

## Editorial

Vai um fix-up aí?

## FC no Papel

## FC na Internet

## Artigo

Clichês femininos da FC  
por Finisia Fideli

A FC no rock e um cara  
chamado Neil Peart  
por Ataide Tartari

## Ficção

Era Capitu adúltera?  
por Eduardo Powell

Genesis  
por Carlos Orsi Martinho

O vinho em seu sangue  
por Lucio Manfredi

Sideral no buraco sem  
fundo de Parnarama (excêrto)  
por Ataide Tartari

## Especial

Regulamento do Concurso ARGOS

## Ensaio

Minha cabeça  
por André Carneiro

## Ilustrações

Artur Franz Keppler  
Frank Kelly Freas  
Don Davis  
Michael Whelan  
Artur Franz Keppler  
Zookie.com

# SOMNIUM

número 75

Março de 2000

Editorias:  
Social e Notícias  
Ataide Tartari

<atartari@uol.com.br>

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisis.com.br>

Artigos e Contos

César R. T. Silva

<cerito@mandic.com.br>

Geral

Alfredo Franz Keppler Neto.

<akepple@attglobal.net>

Produção Gráfica e  
Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Artur Franz Keppler

Tiragem: 100 exemplares

03

04

05

07

08

09

10

19

25

26

32

capa

06

10

23

25

32

*Somnium* é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 2000/2001 está composta pelos sócios Gerson Lodi-Ribeiro (Presidente), Humberto Fimiani (Secretário Executivo) e Matias Perazoli Jr. (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção

Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>

e-mail [clfc@uol.com.br](mailto:clfc@uol.com.br)



"...eu tive a idéia de amarrar uns contos soltos e dar a isso um nome..."  
A. E. van Vogt (1912 - 2000)

A notícia do recente falecimento do escritor A. E. van Vogt me trouxe lembranças da longínqua época em que descobri a FC, lembranças que juntei aqui com algumas idéias que venho remoendo já faz algum tempo. Uma boa biografia dêle saiu no Megalon nº 56, com um resumo das suas principais obras. Basta portanto dizer que o AEvV foi um dos mais representativos escritores da chamada "Era de Ouro" da FC, autor de muitas obras-primas indiscutíveis, daquelas de deixar o leitor literalmente chapado e também de algumas outras de qualidade discutível, para dizer o mínimo.

Creio entretanto que esta produção desigual se deve mais à forma peculiar com que muitas das suas obras foram apresentadas ao público, e isso é o que nos remete à associação de idéias a que me referi acima. Começa pela questão que vira e mexe entra em discussão nas reuniões do CLFC, a saber, a conspícua escassez de leitores de FC, problema que vem ameaçando a própria existência do Clube. Os motivos são muitos, alguns são claros e evidentes, outros nem tanto: desinteresse das editoras nacionais, que só vão atrás de "best sellers" e publicam escassas traduções de FC em português, livros caros, canais fechados de divulgação e distribuição, concorrência feroz de milhares de alternativas de lazer, todos contribuem de uma forma ou de outra.

Os "fix-ups" talvez sejam uma forma interessante para driblar estas dificuldades.

O termo foi cunhado pelo AEvV e é praticamente intraduzível, a não ser talvez por "arrumação" ou "armengue" - este último um termo técnico da engenharia brasileira, que designa qualquer trapizonga improvisada, feita com sucata, utilizada para substituir uma peça original. Mais ou menos como muitos dos livros do AEvV, frutos da colagem de contos e novelas curtas em volumes do porte de uma novela tradicional. Um bom exemplo é o seu livro "*A Guerra contra o Rull*", que na verdade é um conjunto de contos e noveletas que já haviam sido publicados isoladamente nos "pulp" e que, com algumas revisões, adaptações e acertos de continuidade (o tal do "fix-up"), acabaram virando livros de porte "comercial".

E qual seria o interesse disso para nós então? Bem, em parte por não exigirem tanto dispêndio de tempo dos autores, em maior parte pela maior chance de serem publicados ao menos nos fanzines, a esmagadora maioria da produção da FCB ultimamente vem sendo de contos e/ou de noveletas, bons para publicação nos fanzines, porém pouco "comerciais" para as livrarias. Notar que um "fix-up" não é exatamente uma coletânea de contos de vários autores, temática ou não, nos moldes por exemplo da recente *Phantástica Brasileira*, nem tampouco um conjunto de contos sutilmente ligados dentro de um determinado universo ficcional, como os da *Intempol*. Trata-se realmente de um produto diferenciado, que ao mesmo tempo em que permite aos escritores continuar a escrever em módulos de pequeno porte, também facilita a agregação dêles em volumes maiores, baratos e mais facilmente comercializáveis no mundo das editoras tradicionais, quem sabe até nas bancas de jornais, vendidas ao preço de uma revista de luxo. E no lugar delas.

Seria interessante mesmo ouvir do jornalista ... e aí, Doutor, vai um "fix-up" hoje?

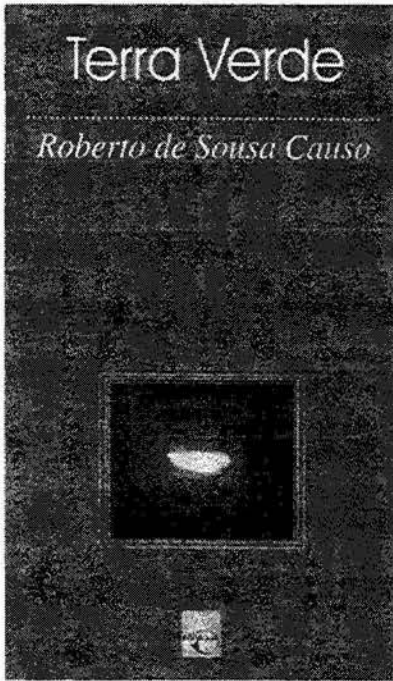
Ou talvez nada mais disso faça ou venha a fazer sentido num futuro próximo, caso a publicação virtual na Internet consiga mesmo se firmar como uma opção mais fácil, barata e democrática ao sistema atual, que vem desde os tempos de Gutenberg.

E que possa assim realmente cumprir com as altas expectativas que a cercam hoje.

O Editor

**TERRA VERDE**

**Roberto de Sousa Causo**  
(Ed. Cone Sul, 109 págs.)



Uma equipe de Exploradores alienígena aporta camuflada na Amazônia Brasileira, a Amazônia sem lei dos garimpeiros, índios, aventureiros e prostitutas. Mas algo sai errado com o seu principal Explorador - o humano que eles devem usar como veículo e guia no nosso planeta, sua mente está danificada. Este será entretanto o menor dos seus problemas, como o Explorador logo irá descobrir.

Obra vencedora do III Festival Universitário de Literatura, na categoria Novela.

Pedidos c/ cheque R\$10,00 nom. a/c Roberto de Sousa Causo, R. André Dreifus, 109/163 Bl.2 São Paulo SP CEP 01252-901

**PHANTÁSTICA BRASILIANA**

**Coletânea divs. autores**  
(Ed. Ano-Luz, 225 págs.)



Com a aproximação do quinto centenário do Descobrimento do Brasil, a editora Ano-luz dá continuidade à sua política mercadológica oportunista (no bom sentido), lançando uma antologia comemorativa de contos fantásticos com temas relacionados de algum modo à História do Brasil. E tanto à "História Oficial", aquela que se ensina nas escolas, como também às muitas "Histórias Alternativas", algumas destas aliás até mais verossímeis do que as primeiras, que em muitos casos não passam de empulhações cosméticas impostas pelas elites nacionais.

O livro traz onze trabalhos de ficção (sete contos e quatro noveletas), apresentação, ensaio introdutório e resumo biográfico dos autores. São oito histórias de autores brasileiros, duas de autores portugueses e uma de um

autor norte-americano, que juntos ousaram ir da fantasia à ficção científica, do horror à história alternativa, passando pelo realismo mágico, resultando num alentado volume de cerca de 68.000 palavras e várias idéias das mais interessantes :

- Como conseguir retrabalhar a lenda do Boto e dar uma nova e original interpretação à lenda Apinajé dos cupendiepes?

- Ou, ainda, fazer das preocupações ecológicas um legítimo *thriller* amazônico e da ecologia, objeto de uma crítica bem humorada?

- É possível escrever uma fantasia científica sobre as Grandes Navegações e os Descobrimentos, mostrando simultaneamente pontos de vista do futuro e do passado?

- Seria um anjo capaz de convencer um historiador teimoso?

- Num Brasil ainda monarquia, como seria o dia a dia de um repórter *paparazzi* especializado em cobrir os escândalos amorosos da família imperial?

- Em que mundo surrealista viveríamos se um fluido miraculoso desse sobrevida ao combalido Império do Brasil e fizesse D. Pedro II ser até hoje nosso imperador?

- Que destino teriam as Américas se Cristóvão Colombo descobrisse o Novo Continente em nome do Rei de Portugal D. João II?

- Como seria a febre da mineração nas Minas Gerais se o Quilombo de Palmares e o Pernambuco Holandês se tornassem nações independentes e inimigas da Coroa Portuguesa?

- O que ocorreria com o Brasil se a participação dos Estados Unidos no golpe de 1964 fosse mais contundente?

R\$ 20,00, nas livrarias ou pelo Disque-Livros : 0xx.11.211.2298/815.1177 ou ainda pelo e-mail da Editora : ano-luz@unisys.com.br



*As novidades são muitas e, se nos é praticamente impossível surfar por tudo, tampouco há espaço que chegue para comentar todos os locais interessantes que encontramos : a atenção acaba por se dispersar ou então, por comodismo, acabamos aterrissando sempre nos mesmos locais mais frequentados. Vale a pena porém dar uma passeada por êsses aqui.*

## Sites

### **Stephen King lança livro pela Rede** <http://www.simonandschuster.com>

O mais recente trabalho de Stephen King, autor de best-sellers de terror como *O Iluminado*, terá distribuição exclusiva pela Internet. *Riding the Bullet*, um livro de 66 páginas que King descreve como "uma história de fantasmas em grande estilo", já está disponível na Rede desde 17/03/2000, como um *e-book*. Os interessados poderão baixar o livro por US\$ 2,50 e lê-lo no computador. A curta história, uma publicação conjunta da Scribner e King's Philtrum Press, será publicada eletronicamente por meio da *Simon & Schuster On-line*. King terminou de escrever *Riding the Bullet* enquanto se recuperava de um grave acidente ocorrido em junho, em que uma caminhonete o atingiu enquanto caminhava por uma estrada próxima de sua residência de verão, em Lovell, Maine. Alguns escritores de ficção científica, inclusive vários brasileiros, já experimentaram distribuir seus trabalhos pelo ciberespaço, mas King, autor de mais de 30 best-sellers, parece que é o primeiro autor de "peso" a experimentar o método. "Isso é realmente o primeiro teste efetivo para esse mercado", disse o presidente da SoftLock.com, Keith Loris. E pela avalanche de acessos logo no 1º dia, o teste deu certo mesmo, o que a rigor não é de surpreender, em vista do seu nome já ser prà lá de conhecido. (adaptado Agência Estado)

### **SF Classics** <http://www.scifan.com/classics/>

Se você é daqueles que gostariam de conhecer outros clássicos da FC, além daqueles do ABC de ouro (Asimov, Bradbury e Clarke), bem, êsse é o *site*. Claro que não é uma enciclopédia abrangente, mesmo porque sofre também daquele ridículo anglo-centrismo míope : o *site* só menciona autores anglo, neca de franceses, hispânicos e, horror dos horrores, nenhuma menção ao Stanislaw Lem, que se não fosse pela sua condição de polonês, com certeza seria lembrado aqui como um dos maiores da FC.

### **French SF Pages** <http://sf.emse.fr/Welcome.html>

Para variar um pouco da massacrante presença anglófona na FC, eis aqui um *site* com notícias, contos, biografias e um monte de informações interessantes sobre a FC francófona. Que já foi muito mais presente em português nas priscas eras da Argonauta, que no meio de algumas autênticas "bombas", também publicou muita coisa excelente da literatura francesa (e européia), estupidamente ignoradas por não se passarem nos "States".

## Sítios

### **Lista de Discussão do CLFC** [socios-do-clfc@egroups.com](mailto:socios-do-clfc@egroups.com)

"A" lista de discussão dos passionais leitores e escritores de FCB. Numa outra encarnação, a lista andou derivando por águas que só com muita boa vontade poderiam ser classificadas como FC, porém voltou agora sob nova roupagem, esta dedicada exclusivamente à FC (bem, quase...). E nunca um termo foi tão bem aplicado, pois discussões não têm faltado na lista, chegando algumas ao ponto dos e-gladiadores se remeterem mutuamente a lugares insalubres a atos sexuais pouco ortodoxos, exigindo intervenções enérgicas do habitualmente transparente moderador.

Fora êstes poucos despautérios desequilibrados, que acabaram até por beneficiar a lista avivando o seu ambiente erudito e por vêzes algo pedante, rolam por lá muitas boas conversas e trocas de informações interessantes. Para assinar a lista e participar (ou dar uma de coruja...), basta enviar uma mensagem de e-mail para a caixa postal acima. Os iniciantes são habitualmente recebidos com cordialidade e até com franco e desbragado entusiasmo, particularmente se alguns dos carentes participantes descobrem que se trata de um exemplar do sexo forte. Tudo no maior respeito, é claro...

### **Virtual Book Store** <http://www.virtualbookstore.com.br>

### **Writers Editora Virtual** <http://www.writers.com.br>

Está bem, eu já não deveria mais implicar com isso, afinal é mais um moinho de vento para quebrar a lança dos insensatos, porém continua a me incomodar essa coisa de botar nomes em inglês para dar um ar de sofisticação primeiromundista. Desabafo feito, resta recomendar a iniciativa dessa turma, que se propõe a publicar obras que, independentemente da sua boa qualidade, dificilmente conseguiriam vir à luz no esquema tradicional das editoras "papel".





*Uma coisa que me intrigava quando comecei a ler FC, lá pelos meus 12 anos, era o péssimo conceito de que ela gozava (num certo sentido) entre os então adultos, cujas reações ao saber do meu gosto peculiar variavam de horror à preocupação. Parte desta ojeriza certamente se devia às capas dos "pulp", onde abundavam mulheres peitudas e/ou escassamente vestidas, ameaçadas por monstros repulsivos e com intenções claramente lúbricas. Caso evidente de propaganda enganosa, pois o conteúdo era geralmente dos mais puritanos, onde as mulheres nada mais faziam do que representar os papéis maternos que a sociedade da época então lhes atribuía.*

*O mundo mudou muito desde a chamada "Época de Ouro" da FC e atualmente até os monstros repulsivos já estão sendo vistos mais como vítimas de mães repressivas do que como coisas nojentas, a vaporizar à primeira vista.*

*Ainda falta porém, como propõe a Finísia, acabar também de vez com aqueles ultrapassados estereótipos femininos.*

A ficção científica nasceu de uma mulher: Mary Shelley trouxe à luz, o monstro de *Frankenstein* em 1818. Desde então esse gênero literário cresceu e frutificou, tendo tido seu apogeu na década de 1940 quando inúmeros escritores surgiram, principalmente nos países de língua inglesa, multiplicando as publicações.

Contudo, você deve se lembrar que a FC até a década de sessenta, era mais ou menos assim: um herói bonitão e aventureiro parte em sua nave espacial por estrelas nunca dantes navegadas. Em casa, sua doce esposa fica pilotando fogões e painéis numa bela cozinha automática. No caminho, o herói e sua tripulação encontram uma espaçonave à deriva. Em seu interior, um cientista extraordinário traz uma vacina que vai salvar a vida de milhões de pessoas em muitos mundos diferentes. Ele está acompanhado de sua bela e doce e virgem e tímida sobrinha, que desperta a paixão do amigo do herói. Eles resgatam o cientista e a mocinha, mas são abordados por uma nave pirata comandada por uma vilã de muitos dotes físicos e nenhum caráter, que tenta seduzir o herói mas é fulminada pela pistola de raios durante a tentativa de fuga. Na refrega, a nave do herói sofre avarias e é obrigada a pousar num planeta idílico, habitado por mulheres lindas, perfeitas e artificialmente construídas. Elas também tentam seduzir os heróis, mas desistem depois que uma sábia filósofa, feita porém bondosa, compassivamente permite que eles façam os

reparos na nave e possam voltar a seu planeta natal.

Nesse meio tempo, são perseguidos por um monstro de mil olhos que seqüestra a mocinha tímida, e todos perdem um tempo enorme tentando resgatá-la das garras da repulsiva criatura. No final, todos retornam para casa, com direito a casamento e troca de receitas entre a suave esposa do herói e a mocinha não mais virgem, que ganhou de presente uma cozinha robotizada. E viveram felizes para sempre.

Esse amontoado de estereótipos, freqüente até hoje na FC literária e cinematográfica, mostra muito bem que se escreve para uma audiência masculina, e que as mulheres aparecem como personagens definidos pelo seu relacionamento com os homens, objetos que deviam ser desejados ou temidos, resgatados ou destruídos, apenas para validar o conceito do macho heterossexual.

Mas os movimentos feministas, a partir da década de sessenta, mudaram a imagem da mulher na FC. Elas passaram a consumir mais as publicações do gênero, a escrever e a editar, mostrando que não se podia mais ignorar a audiência feminina.

Os assuntos se tornaram mais sérios, mais humanos e abrangentes. Apareceram protagonistas que podiam pilotar uma nave a ao mesmo tempo dividir com o companheiro a tarefa de cuidar das crianças. A cientista, que não precisa mais ser feita para ser

inteligente, desenvolveu uma carreira de sucesso e tem uma movimentada vida sexual. Os homossexuais saíram das sombras. A preservação do meio ambiente tornou-se assunto a ser debatido por todos, e as responsabilidades foram assumidas globalmente, projetando um futuro que beneficie qualquer pessoa de boa vontade.

No Brasil, onde as conquistas do feminismo ainda são alcançadas apenas por uma parcela muito pequena da população de mulheres, ainda vemos uma FC eminentemente produzida por homens (são poucas as escritoras), restrita a um mercado pequeno que luta para alcançar o seu lugar. Nesse contexto, ainda encontramos uma FC machista onde as mulheres são apresentadas ou como robôs, como vítimas ou como prostitutas (às vezes, tudo ao mesmo tempo). Pior: em várias obras, as mulheres nem mesmo aparecem! Cabe, portanto, a elas, exigir melhores condições de vida, de respeito e de trabalho - e uma melhor ficção científica. Na esteira dessas conquistas, surgirá uma literatura mais engajada e humana, feita por mulheres, e a FC encontrará seu espaço como um farol a apontar um futuro melhor para todos.

## Artigo :

# A FC no rock e um cara chamado Neil Peart

por Ataide Tartari

*Na era do "fusion", que já produziu algumas pérolas fundidas indigestas até para porcos, tal como a indescritível fusão de bossa-nova com ragas indianos (AQQ, cheguei a ver mesmo um CD que proclamava esta união pecaminosa), até que soa natural a fusão dos temas da FC com música de rock - pelo menos tanto quanto o casamento de Strauss com HAL, que se não ganhou uns Oscars, bem que merecia.*

Todo o mundo que ouve Rock e Pop, mesmo quem não sabe nada de inglês, deve se lembrar de alguma letra de música que é claramente de ficção científica, alguma letra de sucessos como "Space Oddity" do David Bowie e "Rocket Man" do Elton John. Esse tipo de música—quer dizer, a música em si—é muito bom mas, cá entre nós, sua letra é pra lá de idiota.

É, mas a FC no Rock já produziu muita coisa mais inteligente do que esse tipo de space-opera juvenil; muita coisa do rock psicodélico, por exemplo, também pode ser lido como um tipo de FC. O Pink Floyd pode muito bem ter escrito FC, por que não? Ou mesmo o Yes e o Jethro Tull. Quem é que se habilita a interpretar as letras do psicodelismo britânico, dos exponentes do rock progressivo?

A banda Rush nunca foi considerada um expoente do rock progressivo, e muito menos do psicodelismo britânico, mesmo porque ela é uma banda canadense que lançou seu primeiro álbum em 1974, quando o psicodelismo já saía de cena. E esse primeiro álbum, chamado simplesmente "Rush", era de hard rock e ainda não tinha o baterista/letrista Neil Peart, que foi quem puxou toda a banda para o universo da ficção científica.

Neil Peart não é apenas um dos melhores bateristas do Rock, ele é um fã capaz de devorar até quatro livros de fc por semana. Atuando na outra ponta, como escritor, ele já deve ter publicado pelo menos dois livros. (Os quais eu ainda não encontrei.) E foi com toda essa bagagem intelectual que ele escreveu as melhores poesias de fc para o Rock—poemas *intelligi-*

*veis, quero dizer, muito diferentes daquela pseudo-profundidade do psicodelismo. Veja, por exemplo, alguns desses trechos de "The Body Electric" do álbum "Grace Under Pressure":*

*One android on the run(...)  
Trying to change its program  
Trying to change the mode—  
Crack the code  
Images conflicting  
Into data overload*

*1-0-0-1-0-0-1  
S.O.S.  
1-0-0-1-0-0-1*

*In distress*

*1-0-0-1-0-0-1(...)*

*It replays each of the days  
A hundred years of routines  
Bows its head and prays  
To the mother of all machines...*

E aí? Você conhece alguma outra música cujo refrão é um código binário? E que tal "Countdown" do álbum "Signals"? Nesta música, dedicada aos astronautas Young e Crippen e ao pessoal da NASA, o vocalista Geddy Lee entra na cabeça de um astronauta no momento do lançamento e canta:

*Excitement so thick—you could  
cut it with a knife/  
Technology—high, on the  
leading edge of life.*

Mas tem muito mais fc no som do

Rush do que isso, é claro. Eles chegaram a produzir três álbuns-conceito como uma trilogia pós-apocalipse: 2112 (1976), A Farewell to Kings (1977) e Hemispheres (1978). Em "Farewell" há uma música chamada "Cygnus X-1". Bem fc, não?

Depois de tudo isso que o Neil Peart fez pela fc no Rock, é uma pena constatar que existe um movimento discriminatório contra ele, uma patrulha em um universo supostamente mente-aberta. Assim como Robert Heinlein, Neil Peart não concorda com a maioria das colocações da esquerda; ele já foi até chamado de neofascista e não sei mais o quê. Na verdade, Neil Peart é um intelectual anti-coletivismo. No álbum "Roll the Bones" de 1991, por exemplo, ele saudou o colapso do socialismo através da música "Heresy":

*All around that dull gray world  
From Moscow to Berlin  
People storm the barricades  
Walls go tumbling in  
The counter-revolution  
People smiling through their tears  
Who can give them back their lives  
And all those wasted years?*

Mas talvez a melhor explicação para sua obra e também para si mesmo esteja no final de "Distant Early Warning":

*Lefts and rights of passage  
Blacks and whites of youth  
Who can face the knowledge  
That the truth is not the truth?  
Obsolete  
Absolute*



## Conto:

# Era Capitu adúltera?

por Edgard Powell

*Um conto no mínimo intrigante, explorando o rico filão da nossa literatura, justamente num ponto onde as descobertas científicas poderiam auxiliá-la na resolução de um dos seus mistérios mais polêmicos. Poderiam...*

*"A moral é uma, os pecados são diferentes"*

Machado de Assis.

- ... é isso que queremos.  
- Deixe-me ver se entendi, senhor... - após uma rápida olhada no cartão sobre a mesa - Mendes. O senhor representa o... Clube dos Cavalheiros Literatas, e vocês querem utilizar o processo que nós desenvolvemos para reconstruir a mente de Machado de Assis.

- Sim, doutor, é esse o nosso objetivo.

- Bem, há algumas coisas que você deve saber. O nosso trabalho, de um ponto de vista leigo, é interceptar a mente procurada no tempo e reconstruir seu padrão via software. Assim nós teremos um programa de computador que, ao ser executado, simulará a mente reconstruída. O computador deverá ser capaz de responder - o restante da frase foi entoadado como uma advertência - de forma aproximada ao que a mente original responderia se tal pergunta lhe fosse feita no momento em que o padrão mental foi obtido.

- Eu compreendo.

- Veja bem, vocês não conversarão com Machado de Assis. Seria extremamente desumano e antiético recriar a personalidade de uma pessoa para que esta vivesse desagregada de um corpo. A mente não será realmente reconstruída. O computador montará uma espécie de banco de dados com as informações da mente e as consultará para responder às suas perguntas. Não será uma mente consciente. Apenas os dados, conceitos, moral e tudo mais que esta continha. Quando o computador responder a uma pergunta, ele seguirá os caminhos que a mente seguiria para dar a mesma resposta, mas não é a mesma coisa que a mente consciente respondendo, por isso dizemos que podem haver pequenas diferenças entre o que o computador disser

e o que a pessoa original diria.

- Sim.

- Mas há outro detalhe: em alguns casos o computador não é capaz de reconstruir a mente que se objetiva. Ainda não fomos capazes de determinar porque isto acontece, mas não devolveremos o dinheiro caso isto ocorra, pois já teremos gasto tempo e recursos no projeto.

- Nós estamos cientes deste fato também.

- Só fiz questão de lembrá-lo, senhor Mendes, porque vocês são a primeira entidade que nos procura que não é uma universidade ou grande empresa, os primeiros que pagarão pelo processo com dinheiro de pessoas físicas, e nosso trabalho custa uma pequena fortuna.

- Posso lhe assegurar que o Clube tem sócios generosos e boas reservas financeiras.

Bom, pensou o cientista, ricos excêntricos que gastem seu dinheiro como bem quiserem. E completou:

- Ok, senhor Mendes. Vamos aos detalhes.

\*\*\*

Dois meses e meio se passaram antes que o telefone no Clube dos Cavalheiros Literatas tocasse comunicando o sucesso no processo de reconstituição da mente de Machado de Assis. E isso, quando ocorreu, causou um verdadeiro pandemônio.

Em questão de minutos, vários carros, que expressavam bem as posses de seus donos, estacionavam no pátio da empresa responsável pelo feito.

\*\*\*

- Mas deve haver uma forma, doutor...

- Não, senhor Mendes, não há como fazer isso.

- Mas aquela mente tem a informação, você não pode extrai-la?

- Não, não se pode extrair ne-

nhuma informação das mentes reconstruídas que estas não queiram dar. Mas o que aconteceu exatamente, senhor Mendes? Você não me contou em detalhes.

- Bem, nós chegamos aqui radiantes. Fomos direto à sala onde estava o computador e começamos a conversar. No começo é um pouco estranho, pois temos que perguntar ao computador e este pesquisa a resposta na mente, mas tudo bem, nós nos acostumamos a isso rápido. Fizemos várias perguntas. Sobre vários livros e contos. Após mais alguma conversa, fomos à pergunta mais esperada: era Capitu adúltera?

- Capitu? Do romance Dom Casmurro, se não me engano.

- Sim, sim.

- E vocês tencionam saber se ela era adúltera ou não.

- Sim. Nós sabemos que esta dúvida é, por assim dizer, o grande charme do livro. Mas queremos saber o que o autor pensava. Se ele a tinha imaginado como adúltera, fiel, ou mesmo se não tinha tomado uma posição, mantendo ele próprio a dúvida.

Neste ponto Mendes fez uma pequena pausa e gesticulou em um claro sinal de indignação.

- E sabe o que o computador disse? Ele disse que não podia nos dar esta informação. Nós indagamos o porquê, e ele nos disse que a mente tinha claramente registrado que esta informação não deveria ser dada.

- Mas não há nada que possa ser feito, senhor Mendes, o nosso código impede que violemos qualquer mente reconstruída. Só podemos obter as respostas que ela queira nos dar.

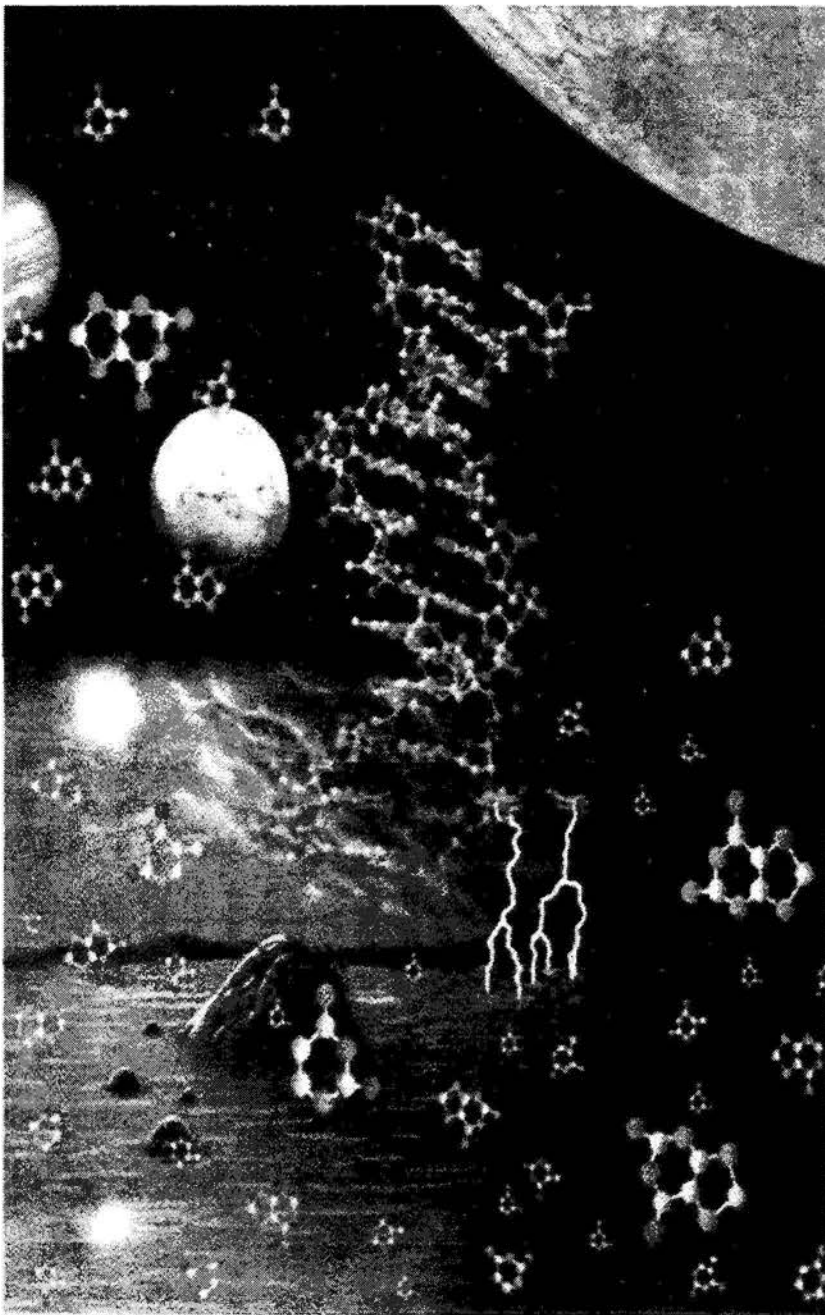
- Mas isso é inaceitável! O computador sabe a resposta, ele é o único que sabe! E não pode contar?

- Sinto muito, senhor Mendes...

por Carlos Orsi Martinho

*Coisa de uns dez anos atrás, passou por aqui meio escondido (creio que no Cine Bijou), um filme italiano parodiando o celebrado Fantasia da Disney, usando também músicas clássicas como inspiração para desenhos animados, nêle porém com temas adultos - nada de sexo explícito, apenas boas doses de cinismo e ironia. Os desenhos eram ótimos, porém ao ler o conto a seguir lembrei-me particularmente do "gran finale", um desenho animado pelo Bolero de Ravel, cujo tema era a Evolução Natural. Acompanhando o início da música, em pianíssimo, uma garrafa de refrigerante é jogada pela janela de uma astronave alienígena, contaminando o planeta virgem e assim originando a vida na Terra - detalhe : a garrafa tinha o formato inconfundível de uma CocaCola.*

*Na época, eu achei genial essa idéia. Claro, eu não conhecia a do Martinho, que é ainda melhor.*



### Prólogo

O elevador pára.

Sem tirar os olhos da janela estreita, você aperta o botão do relógio digital e ouve o "bip" do cronômetro. Só então baixa a cabeça e confere o mostrador: o tempo exato, até a primeira casa decimal.

*Tem que ser neste andar.*

Você se lembra de uma semana atrás, quando imaginou ter ouvido a mistura de sons — um estampido, como uma porta batendo, junto com algo que talvez fosse um grito de mulher — enquanto descia de seu apartamento, no décimo-terceiro andar. Você cantarolava uma canção popular para as paredes nuas do elevador, e se lembra do ponto exato da letra em que estava quando ouviu os sons.

Você se lembra da garota, encontrada morta na caçamba de lixo do lado de fora da garagem no dia seguinte.

Morta com um tiro.

*Ou teria sido uma porta batendo?*

O elevador abre.

Você desembarca no espaço minúsculo do saguão. A porta do apartamento está aberta — você não contava com isso. A escuridão do outro lado, emoldurada pelos batentes de madeira vermelha, parece quase uma coisa sólida, uma barreira física mais eloqüente até do que seria a própria porta... isto é, se estivesse fechada.

Os elevadores deste prédio não têm monitor de andar pelo lado de dentro. Só dá para saber em que andar se está quando as portas se abrem.



Ou então cronometrar as viagens, deduzir quanto tempo se gasta entre um andar e outro, e multiplicar...

Pelo tempo que se leva para cantarolar uma certa música, por exemplo.

Mas gente nunca leva o mesmo tempo para cantar a mesma música duas vezes, não é? Não exatamente...

Seus pensamentos começam a ficar confusos, e você luta contra isso. Luta contra a idéia de que a escuridão do outro lado é uma coisa cristalina, brilhante, como um espelho de obsidiana; contra a impressão de que, se você olhar de esguelha para o vão da porta, se virar bem a cabeça e olhar apenas com o canto dos olhos, vai captar, num lampejo, a própria imagem, refletida em negativo.

*O que estou fazendo aqui, meu Deus?*

Você sente como se alguma coisa amorfa, alguma coisa feita de gelo, lava e espinhos, algo afiado e impiedoso estivesse se mexendo, tendo espasmos, em suas entranhas. A versão titânica, avassaladora, de um *friozinho na barriga*. Sua boca está seca, há bile na garganta e você tenta, sem sucesso, manter pelo menos os lábios úmidos.

*E se não for aqui?*

Você confere de novo o relógio, a leitura do cronômetro ainda congelada na tela cinzenta de cristal líquido. O andar *tem* que ser este. É a única coisa que faz sentido. Isto é, se é que o elevador faz mesmo um andar a cada dois segundos... Se é que o fosso do elevador não distorce os sons; se é que vozes e ruídos são como fantasmas, deslizando para cima e para baixo pelo túnel escuro, ressonando pelos cabos, morrendo nos contrapesos.

Você morde o lábio, partindo a pele seca e rachada. É *claro* que a cronometragem esta certa. Você sabe muito bem disso, já que passou a última *semana* conferindo tudo. Então...?

É a porta. Você não esperava, não contava, não *queria* encontrar a

porta aberta. Porque, afinal, uma porta aberta é como algo que diz...

— Entra, porra — fala uma voz que vem da escuridão além dos batentes vermelhos, uma voz masculina, grave, sussurrada e quebradiça, como o som de passos pesados sobre um campo de folhas secas. — Alguém tinha que vir. Afinal, era o único jeito... Eles *têm* que ter alguém. Já entrou? Ótimo. Não, não. Deixa a luz apagada. Tem uma cadeira logo aí à direita. É só tatear um pouco... Ah! Achou? Bom. Agora, sente-se. Sente, eu disse!

Você obedece. Por um instante, algo metálico parece brilhar em um ponto próximo, talvez às costas, da fonte da voz — o homem deve estar armado, você pensa, ao mesmo tempo em que sufoca a vontade de sair, de correr, ao mesmo tempo em que se culpa pelo próprio medo, em que se envergonha da própria obediência.

A cadeira em que você está finalmente se acomoda e pára de ranger. Então, sem qualquer aviso, o homem começa a falar...

## I.

Imitações baratas (ele diz. Você escuta, como que hipnotizado). É o que todos nós, homens, mulheres, eu, você, a espécie humana, somos: imitações, fraudes, falsificações patéticas. Copos e xícaras de plástico, vidro e gesso, sofrendo, *morrendo* porque nos falta a substância mais pura, bela e verdadeira, o cristal, a porcelana. E a maioria das pessoas é tão idiota que acha que a frase da Bíblia, “criado à imagem e semelhança de Deus”, é algo de bom, algo para se ter orgulho. Imbecis, entenderam tudo ao contrário.

Mas não eu. Oh, eu não, de jeito nenhum. “À imagem e semelhança de Deus” foi algo que sempre me incomodou, me diminuiu, me agrediu. Sempre. Quando eu era adolescente, lembro bem, tinha um gato na vizinhança onde minha família morava. O gato era preto, de peito branco. Vivia na rua. Imagino que ele deve ter sofrido alguma coisa, um

derrame, talvez, porque a partir de um certo dia começamos a ver que o bicho não conseguia mais fechar o olho direito. De jeito nenhum. Até dormir ele dormia com o olho aberto. Uma cena bem desconcertante.

E daí? Acontece que certa vez eu estava olhando o gato. Percebi que algo devia estar acontecendo, porque ele foi ficando inquieto, parecia trêmulo e indeciso, volta e meia erguia uma das patas dianteiras no ar, garras estendidas, tremia um pouco, golpeava o ar uma, duas vezes, baixava a pata de novo.

E então, de repente, o olho direito, grande e verde, estourou, *rebeitou* como uma fruta podre. O cheiro era parecido com o que você deve estar sentindo agora, e o som, o *miado*, eu sou incapaz de descrever. Numa espécie de acesso, ou espasmo, o gato começou a atacar o que tinha sobrado dentro da órbita com as próprias garras, a rasgar a própria pele, enfiando as unhas em si mesmo. Nessa hora ele já devia estar louco de vez, porque li em algum lugar que os gatos normais retraem as garras, automaticamente, quando se tocam a si mesmos.

Do buraco que ficou na cara dele escorria pus, sangue e um monte de larvas brancas, uns vermezinhos lustrosos, meio amarelados e translúcidos. Imagino que algum inseto, um borrachudo ou uma varejeira, tenha usado o olho, sempre úmido, quente e aberto, para pôr ovos. Provavelmente dias antes, enquanto o gato dormia. Quem sabe?

O fato é que fiquei olhando para as larvas que se retorciam dentro da órbita do gato, e ouvindo os gritos do animal, e pensei que, porra, Deus tinha usado mais talento, criatividade e imaginação para fazer *aquilo* do que para *me* fazer. As larvas, o desespero do animal, eram uma *obra*; eu era algo feito “à imagem e semelhança” do artista. Tão adimensional quanto um auto-retrato.

Naquele dia decidi que não aceitaria mais isso. Que iria fazer algo a respeito.

## II.

Tendo decidido não ser mais um simulacro, uma cópia de segunda categoria, me vi diante de duas alternativas: ou eu me igualava ao original — deixando se ser uma cópia mal resolvida para me tornar uma verdadeira réplica fiel — ou seguia o caminho oposto: tratava de me afastar ao máximo da matriz, de desfigurar a criação, de escapar da esfera do Criador. A primeira alternativa me pareceu, na época, pouco viável. Fiquei, portanto, com a segunda.

Imagino que um espírito menos sofisticado teria se contentado com uma série de alterações cosméticas — tatuagens, “piercings”, cirurgias, cicatrizes, mudança de sexo, amputações. Eu, não. Oh, não. Eu sabia que para deixar de vez o rol das imitações baratas, dos fac-símiles, das xicaras de gesso, das bijuterias de plástico, seria preciso me excluir de vez da espécie humana. Não se tratava de mudar o corpo, portanto, mas de transformar, transcender, *desfigurar* a alma. Como fazer isso?

Falei em cirurgias. Enquanto pesquisava, ouvi falar de algo, sugerido por um médico italiano, um certo doutor G. W. Luppi — uma operação que desconecta as funções superiores do cérebro, circunscrevendo a capacidade mental do paciente aos limites das de um animal; uma operação capaz de fazer o homem esquecer-se de si mesmo, parar de lembrar, de sofrer e de sentir tudo que estiver para além das funções mínimas da mente: fome, frio, sede, sono e pouco mais. Um suicídio da consciência.

A idéia quase me seduziu, mas depois descobri que se tratava, apenas, de mera especulação entre cientistas, sem nenhuma viabilidade para o presente.

Busquei, então, outras fontes e possibilidades. Veja, por exemplo, as palavras *desumano*, *inumano*, ou, mesmo, *anti-humano* no dicionário. *Qualquer* dicionário. O número de sinônimos pode variar, mas todos se resumem a, basicamente, duas acepções: *animalesco* ou *cruel*.

Mas, seria isso mesmo? Uma pes-

soa pode ser animalesca e cruel e, ainda assim, continuar a ser uma *pessoa*. Fiz experiências neste sentido — não, você *não* quer saber que experiências, eu lhe garanto — e obtive sucesso em meus objetivos imediatos, isto é, algumas vidas e mentes realmente se perderam, outras tantas, claro, se destruíram.

Foi instrutivo, de certa forma. Mas o fato é que, em momento algum, me senti *menos* humano.

Passei a considerar o extremo oposto: a mansidão, a paciência, a santidade. Ainda assim, ponderei, um santo é um “holy man”, um *homem* santo. Foi aí que tive o que considero, ainda hoje, uma inspiração única: e se eu praticasse ambos extremos *simultaneamente*? A metáfora dos dois raios de luz cruzando-se em interferência destrutiva, produzindo escuridão, fixou-se em minha mente. Eu *tinha* que testar a idéia; na verdade, podia quase saboreá-la, como se fosse uma carne excepcionalmente macia, levemente picante, dissolvendo-se na boca.

Durante três dias e três noites jejei e orei. Mortifiquei-me, em sinal de humildade e penitência. Todo o dinheiro que teria usado para me alimentar no período, e cinco vezes mais, gastei-o comprando gêneros que seriam doados a um projeto de caridade que alimenta famílias sem-teto e outros desvalidos.

Ao mesmo tempo, cuidei para que parte desses gêneros — não todos, *apenas* uma parcela — fosse envenenada. E não com uma substância qualquer, claro, mas alguma coisa que produzisse agonia intensa e morte inevitável. Com minhas experiências anteriores, eu havia ganho algum conhecimento na área, e pude fazer uma boa escolha. Também cuidei para que as porções envenenadas fossem distribuídas de forma absolutamente aleatória. Assim, na casualidade — improvável — de alguma das mortes me trazer lucro ou satisfação pessoal (vingança, por exemplo) tal fato seria responsabilidade única e exclusiva do mais puro acaso.

Embora a idéia tenha sido boa

(orgulho-me dela até hoje) os resultados foram, infelizmente, menos do que satisfatórios. O choque de emoções que eu esperava, o cataclisma resultante do impacto das ondas de culpa e beatitude, desprendimento e crueldade, vida e morte, o vórtice espiritual que, era esta a esperança, iria desenraizar minha alma, causar o colapso de tudo que havia de humano em mim — não aconteceu.

Oh, sim, *algo* aconteceu. Mas poderia ter sido uma indigestão leve; ou a dificuldade que tive para dormir quando, certa vez, tomei uma xícara de café expresso imediatamente antes de ir para a cama.

## III.

Deformações do corpo e dos sentimentos, concluí, não iriam me levar até onde eu queria; restava-me, portanto, agir sobre o intelecto.

Em fases anteriores de minha busca eu já havia tido contato com certos textos tidos como *desumanos*, ou *desumanizantes*: os trabalhos de De Sade e D’Erlette, principalmente, algumas das *Súmulas* de Calígula e, o que me causou maior e melhor impressão, as *Memórias*, provavelmente apócrifas mas atribuídas a um certo Amadeus Bruschi, servo do papa Alexandre VI, nascido Rodrigo Bórgia, pai e provável amante da não menos infame Lucrecia.

Bruschi, o possível autor do texto, tinha sido destacado para cuidar do *Infantum Romanum*, o “filho de Roma”, a misteriosa criança sem nome que teria nascido da ligação incestuosa do papa com a filha, e sobre a qual praticamente não há registros na história — exceto pelo fatos, documentados, de que nasceu do ventre de Lucrecia, foi reconhecida pelos Bórgias como da família e viveu por, pelo menos, cinco anos.

Os escritos atribuídos a Bruschi falam da perseguição movida ao *Infantum Romanum* por seitas e círculos satânicos, por irmandades de feiticeiras, alquimistas, loucos e charlatões. Afinal, num tempo em que se acreditava que a gordura de uma criança não-batizada poderia fazer uma

bruxa voar, que poderes não estariam contidos no corpo do filho — *incestuoso* — do próprio papa?

Boa parte das *Memórias* apenas antecipa o que viria a se tornar lugar-comum na obra de De Sade e seus imitadores: orgias em conventos, freiras sibaríticas, falos de espinhos, aço, vidro, gelo e madeira, mulheres com lâminas ocultas nos orifícios mais insuspeitos. Mas havia algo mais — algo que vinha nas entrelinhas, um certo conhecimento implícito, a sugestão de possibilidades que ficavam muito além das vulgaridades contidas no texto. E a chave para tais possibilidades parecia se encontrar em ainda outros livros, citados de forma bem pouco explícita, às vezes por meio de abreviações obscuras, ao longo das *Memórias*: o *De Daemionalitate*, normalmente atribuído a um alquimista italiano do século XVII, mas escrito, por um autor desconhecido, quatrocentos anos antes; e o *Fuga Satanae*, impresso pela primeira vez em 1597 mas que já circulava, como manuscrito copiado e recopiado, pelo menos desde o primeiro século da Era Cristã.

Percorri a Europa e o Oriente em busca desses trabalhos, e de outros. Dinheiro não era problema. Na verdade, como qualquer político ou traficante de drogas poderá lhe dizer, dinheiro nunca é realmente um problema. Ao menos, não para quem está disposto a fazer o que quer que seja necessário para ganhá-lo.

Os incunábulo, se não destruíram a fagulha humana em mim, ao menos apontaram-me caminhos novos e surpreendentes.

Considere, por exemplo, o conceito de *tempo*; a idéia de que o passado é uno e imutável. Mas, seria mesmo? Há passagens no *Fuga Satanae* onde o Inferno é comparado a um lugar que parece existir *fora* do tempo, um limbo aonde são levados “corpos sensíveis, não apenas formas essenciais; e exilados ficam, fora do fluxo do Devir e de todo Pensamento que cruza a Mente da Providência”. Quando li esse versículo, eu imediatamente soube que havia *algo*

ali; ainda não exatamente *o quê*, mas me senti, sem sombra de dúvida, na pista certa.

Eu tinha uma cópia fotostática dessa página do livro.

Foi em Portugal que fiz a descoberta. Foi lá que encontrei o livro, páginas de linho e seda encadernadas entre duas placas de ébano com entalhes preenchidos por ouro e prata, um fecho de aço e um cadeado de bronze. A data exata da obra é desconhecida, mas com certeza não antecede ao século XVI; o trabalho não é citado em nenhuma bibliografia a que eu já tenha tido acesso, nem mesmo *Index Librorum* do Vaticano ou nas Coleções Reservadas de Miskatonic, Buenos Aires ou do Museu Britânico. Chama-se *El Libro de Las Reglas de la Orden de Aragón*, ou “O Livro das Regras da Ordem de Aragão”. O título é capcioso: o leitor desavisado pode pensar que se trata de uma compilação de leis do reino de Aragão, um dos Estados medievais que deram origem à Espanha moderna.

Mas não se trata disso; de maneira alguma.

#### IV.

A *segunda* leitura do título também é capciosa: quem vê a expressão “*reglas de la orden*” pode imaginar que o livro contém regulações monásticas, como as “regras da ordem” de São Benedito ou de São Francisco. Bem, é quase isso. Mas a “Ordem de Aragão” é, ou era, algo mais —  *muito* mais. Tratava-se, pelo que pude compreender, de uma ordem militar, como os Templários ou os Hospitalários. Mas sua missão... ah, sua missão...

“Garantir que Tróia arda em chamas; que Cristo pereça na Cruz; que venham abaixo as muralhas de Jericó; que o Sol nasça duas vezes sobre o próprio berço, com grande dano e pesar; e que os últimos dos peregrinos brancos levem duas pequenas luas em oferenda à Deusa Hécate, depositando-as junto à face árida de Diana”.

Isso é apenas parte do texto; é um dos trechos de que me lembro de

cor. Você vê? que “o Sol nasça duas vezes sobre o próprio berço”, e com “grande dano”, não lembra bastante a idéia de duas bombas atômicas sobre a Terra do Sol Nascente? A segunda referência é um pouco mais difícil de decodificar, mas não menos surpreendente: Diana era a deusa da Lua para os romanos; Hécate, a deusa-lua das bruxas medievais; e, porra, os últimos astronautas que foram até a Lua, usando *trajes brancos*, levaram, e essa é ótima, *duas merdas de bolas de golfe!*

Em suma, o Livro das Regras da Ordem de Aragão, provavelmente um dos primeiros tomos impressos na Península Ibérica, contém conhecimento positivo sobre os séculos adiante. Mais provas? em outro trecho fala-se da chegada de “mulheres em armadura às areias frias e vermelhas do Areópago”, e Areópago, claro, é o palácio do deus da Guerra, Marte. Um planeta coberto por areias vermelhas. Entende? O que mais seriam essas “mulheres em armadura”, se não mulheres-astronautas do futuro? Do *nosso* futuro?

Então, o quer seria a Ordem de Aragão? Uma sociedade secreta que, em algum momento do passado, decidiu como a história deveria ser e, a partir daí, passou a guiar os passos da humanidade, como se diz dos Iluminados da Bavária e de certos ramos da maçonaria? Se fosse isso, eles não teriam informação sobre o futuro; teriam, apenas, projetos a realizar. Ou...

A alternativa me fez tremer: ou seriam viajantes do tempo.

#### V.

*Viajantes do Tempo!* Perdi duas noites de sono, duas noites passei acordado, olhando fixamente para o fogo que ardia na lareira de pedra antiga, no quarto da pousada em que me havia hospedado. Duas noites, tentando descobrir o que esse conceito poderia significar para mim, para meu projeto, minhas angústias.

Pensando, pensando sem parar.

A primeira idéia que se cristalizou foi a do Início dos Tempos.



O Big Bang. A Singularidade. E se fosse possível chegar até *ali*? E interferir? E...

Não. Meu problema não estava no Primeiro Dia da criação, mas um pouco mais adiante. Abandonei a idéia do Big Bang, e passei a me concentrar no início da vida. Pensei no charco primordial, na argila onde moléculas simples de carbono, nitrogênio e hidrogênio iriam, pela primeira vez...

E se *eu* estivesse lá?

E se eu *cagasse, mijasse, san-grasse* ou *cuspi* ali? Bem *ali*, no lugar *exato*?

Então, toda vida na Terra teria surgido a partir de *mim*, não é? De minhas moléculas, meus átomos, meu DNA. E todos, dos porcos aos macacos, e o homem, e os vírus, existiriam à *minha imagem e semelhança*.

## VI.

A meta passou a ser, portanto, obter o *Libro de las Reglas* para mim. Os monges do monastério onde eu encontrara a obra não me permitiriam ficar junto ao livro por tempo suficiente para copiar todas as passagens que me pareciam relevantes. E, mesmo se permitissem, eu sempre poderia cometer um engano, deixar de lado um capítulo ou versículo que, depois, viesse a se mostrar indispensável.

Além disso, por tudo que eu sabia, aquele era um exemplar único. Como já disse, a obra não é citada em qualquer bibliografia, não consta de catálogo algum. Bibliotecários de instituições que se orgulham de possuir tomos obscuros como o *Peri Ton Eibon* ou o *De Nomine Necorum*, assim como conhecidos teólogos e autoridades eclesiásticas, responderam a meus telefonemas e telegramas (feitos e enviados sob pseudônimo) com manifestações de perplexidade — para eles, tal livro (assim como a misteriosa *Orden de Aragón*) jamais teria existido! Porra, aposto que o Vaticano sequer se lembrava de que havia um monastério e uma biblioteca naquela parte de Portugal.

E, não obstante, os monges estavam lá. Vivendo em um torreão

de pedra que data, pelo menos, da ocupação romana, erguido na periferia de um vilarejo português cheio de relíquias neolíticas; um amontado de casebres que mal aparece nos mapas, uma gota de vida urbana em um oceano de dólmens, capim, ovelhas e porcos.

O porco, aliás, é o animal que mais se assemelha ao homem, mesmo admitindo o parentesco próximo que une a raça humana aos macacos. É em porcos que os cientistas pretendem cultivar corações, rins e fígados compatíveis para transplante; a pele do porco é a única outra, além da humana, que se bronzeia sob o sol.

E nenhum outro animal, além do porco e do homem, grita tanto ao ser degolado.

*Isso* quase pôs tudo a perder: não consegui passar um corte limpo e eficiente na garganta do primeiro monge, e ele teve tempo de gritar. Como gritava! Como um porco, roliço e rosado, morrendo, exangüe, mas urrando e berrando, urrando e berrando até o último instante. Nenhum respeito ao voto de silêncio.

Outros dois, que deviam estar nas proximidades, acorreram. Um deles derrubei com o arremesso certo de um banquinho de madeira maciça; o outro, vendo a situação, se voltou para correr e, provavelmente, buscar mais ajuda — mas consegui alcançá-lo em dois pulos, e desta vez a faca entrou direitinho entre a terceira costela e a quarta, perfurando o coração.

Tudo isso aconteceu numa pequena cela do monastério. O lugar, como já disse, é um torreão. No andar térreo ficam a capela, a cozinha e a área comum de refeições. A partir daí, uma escada em espiral sobe ao três outros andares. Em cada um deles há duas celas monásticas, ligadas entre si e à escada por um corredor. A biblioteca fica em um recesso da adega, no subsolo.

Havia seis celas, portanto, mas eu sabia que eram apenas cinco monges. Três tinham ido; faltavam dois.

Eu tinha planejado agir de acordo com o único curso lógico possível nas

circunstâncias: matar todos os cinco, tentando fazer o mínimo de barulho possível (era por isso que tinha decidido não usar armas de fogo) e pegando-os todos dentro da torre, me apossar do livro e deixar a cidade rapidamente, mas sem demonstrar pressa. Tinha imaginado que, com o tipo de vida que os cinco sacerdotes levavam, talvez se passassem semanas até que alguém notasse que estavam todos mortos.

Enquanto subia mais um lance de escada, em busca de minha quarta vítima, repassei o plano. Não acreditava que os gritos do primeiro monge tivessem comprometido o arranjo geral; eles dificilmente teriam ressoado para além das paredes de rocha da torre, o que o som de um tiro talvez fizesse. Os dois padres alertados tinham, apenas, corrido para a morte, me poupando o trabalho de encontrá-los. Sim, mesmo os imprevistos trabalhavam a meu favor.

Subir aquelas escadas era uma experiência e tanto — o edifício teria mais de mil anos e, mesmo em plena luz do dia, o interior se mantinha escuro. Raios de sol entravam por frestas na parede circular, que de tão estreitas não chegavam, realmente, a ser janelas. Meros respiradouros, talvez seteiras.

Esses raios cortavam meu caminho, fazendo reluzir a poeira de rocha suspensa no ar. Cada vez que passava por um deles, emergia meio ofuscado no degrau acima. Talvez minha tarefa tivesse me deixado hipersensível, mas parecia haver uma diferença notável de temperatura, cheiro e umidade entre os trechos cortados pela luz e as sombras imediatamente ao redor.

Disse que cruzar os raios de sol me deixava ofuscado; depois de algum tempo, portanto, passei a atravessá-los com os olhos fechados. Preocupava-me que algum dos outros padres se aproveitasse da confusão momentânea, causada pela transição entre luz e sombra para me atacar. Uma preocupação estúpida, é verdade, já que os dois sobreviventes provavelmente nem sabiam de minha presença no

torreão. Mas, mesmo assim...

No final das contas, minha preocupação se mostrou desnecessária, um verdadeiro desperdício. Encontrei os últimos irmãos numa cela do terceiro andar. Não vou dizer o que faziam. Estavam, ambos, de costas para mim, e o segundo a morrer demorou demais para notar a verdadeira causa do último gemido e suspiro de seu companheiro.

Deixei a faca cravada na garganta do mais gordo, e desci para buscar o livro. Tinha levado uma muda de roupas comigo, numa valise, de forma que o jorro de sangue não me incomodava.

## VII.

Como sou uma pessoa cuidadosa, assim que cheguei a Paris tratei de autenticar o volume. Enviei amostras a laboratórios e especialistas, e minha intuição inicial se confirmou: o trabalho tinha sido impresso ainda no século XVI. No processo de coletar amostras, descobri um detalhe curioso... uma data, rabiscada em tinta já bem desvanecida, quase ilegível, no rodapé de uma das últimas páginas. VIII, Roma, 12 octubre 1582, dizia.

Uma vez obtida a autenticação, mergulhei fundo no texto. Escrito em uma mistura de latim bastardo, castelhano primitivo e um português certamente pré-camônico, o conteúdo da obra era um verdadeiro labirinto de alusões, charadas e simbolismos que transcendiam, em muito, o jargão místico-alquímico a que eu me habituara enquanto lia alfarrábios como *Philosophiae Chymicae*, ou o *Turba Philosophorum*. Havia trechos realmente codificados no corpo do texto, e para lidar com eles tive de procurar tratados sobre a criptografia da época, como o *Traité des Chiffres*, que por sorte encontrei na Bibliothèque Nationale.

Acho que eu deveria dizer que a paisagem que o *Libro de las Reglas* descortinou diante de mim desafia qualquer tentativa de descrição. A frase seria verdadeira, e ainda assim insuficiente para dar conta de toda a verdade. Você provavelmente imagi-

na o tempo como uma grandeza unidimensional, certo? Um segundo, um minuto, ambos têm um certo *comprimimento*, isto é, uma duração. E se eu lhe dissesse que, além de comprimento, cada segundo de nossas vidas tem também uma *largura*, e uma *profundidade*?

Há menos de dez anos, nem mesmo a matemática mais moderna seria capaz de expressar esse tipo de conceito. Mas idéias assim existem há séculos (ou talvez tenham sido criadas no futuro, e depois *exportadas*), como está patente na decoração de velhas igrejas, nas quadraturas do zodíaco, nos ângulos do octógono que envolve a pia batismal, nas quatro faces da pirâmide, nos sete dias do Gênese. Só o que se exige para que alguém possa absorvê-las, depreendê-las e desfrutá-las é que esse alguém saiba ler. E o *Libro de Las Reglas*, uma vez decifrado, é a gramática completa, o perfeito guia de leitura.

## VIII.

Ninguém mais diz que o tempo flui como um rio. A imagem é velha, batida, tem o cheiro desagradável de coisa gasta, suada, de lugar comum. Imagino se a ação secreta dos irmãos e irmãs, cavaleiros e amazonas da Orden de Aragão, não teria algo a ver com o desaparecimento dessa figura de linguagem antes tão familiar — e só Deus sabe de *quanta coisa* eles são capazes. Porque, veja, o tempo *realmente* flui com o um rio. Não se trata de uma metáfora, mas de uma descrição bastante objetiva.

Mais ainda: existem sentidos, comuns a todos os seres mas estranhamente adormecidos no homem, que permitem *acompanhar* o fluxo, estudá-lo, descrevê-lo. Permitem encontrar os trechos de corrente mais rápida ou lenta, detectar pontos de maior ou menor profundidade, pressentir cachoeiras, penhascos, contracorrentes, redemoinhos. Foi com esses sentidos reavivados, graças ao estudo minucioso do *Libro de las Reglas*, que retornei ao Brasil.

E foi usando esse velho-novo senso para ler — ler como nunca

havia lido antes, decifrando o que está escrito na arquitetura, o que é proclamado na topografia, as sílabas ocultas no movimento das estrelas, as frases desenhadas no traçado das ruas, o discurso fluido do formato, da disposição e da velocidade das nuvens no céu — que encontrei a garota. Se bem que, quando a vi pela primeira vez, já era uma senhora de certa idade.

Ela vivia neste mesmo prédio. Neste mesmo apartamento, aliás.

O que *fiz* com ela? Ora, você sabe. Matei-a e larguei o cadáver aqui mesmo. É por causa dela que você está aqui, certo? Ou, ao menos, é o que você pensa.

Foi fácil demais, por falar nisso. Eu devia ter imaginado — desconfiado. Afinal, se era capaz de sentir a verdadeira natureza *dela*, é inacreditável que *ela*, uma irmã, uma amazona da *Orden de Aragón*, não soubesse o que *eu* era.

Portanto, devia ter desconfiado, não?

Merda, mas eu estava prestes a recriar a espécie humana à minha imagem e semelhança. A idéia me intoxicava! Eu realmente gostaria de voltar atrás e desfazer tudo, mas é claro que *eles* não deixariam.

O nome era Luciana.

Fiz tocaia na frente do prédio durante uma semana, não, uma semana e meia. Às vezes saía a velha senhora, às vezes a garota. Mas isso não me enganou nem por um instante. Os sinais eram claros, principalmente a curva hiperbólica que o vento traçava na copa da terceira árvore à direita, neste mesmo quarteirão (você pode vê-la pela janela), e o brilho nos olhos dos gatos, pretos e rajados, da casa em frente: eram ambas a mesma pessoa. Esta época e este lugar deviam ser uma espécie de base para ela, uma encruzilhada entre uma missão e outra. Aposto que o pessoal do prédio pensava *nela* como mãe e filha.

Mas, como já disse, foi fácil. Realmente simples: certa noite segui-a até um restaurante alemão. Mas ela não foi até as mesas: ficou pelo bar, tomando golinhos de uma tulipa de chope escuro. Era o ego jovem.

Parecia um pouco abatida; talvez soubesse o que estava por acontecer (não, sem “talvez”. Tenho certeza de que sabia). Me limitei a entrar lá e sentar ao lado dela.

— Oi — eu disse, sorrindo.

A garota olhou para mim. Havia tédio em seus olhos, sim senhor.

Saco cheio.

Na hora, imaginei que estivesse cansada de ser abordada por homens desinteressantes; agora, suponho que o enfado se devesse a alguma outra coisa — provavelmente ela estava me medindo, tentando adivinhar o quanto da pantomima teria que levar adiante antes que chegássemos, de fato, aos negócios.

Negócios que significariam a morte dela, claro.

Sim, notei o paradoxo — como ela e a senhora de meia idade poderiam ser a mesma pessoa, se a garota iria morrer ainda jovem, talvez naquela mesma noite? Bem, não sei. Ao menos, não exatamente. Mas já tive provas de que a morte só é definitiva sob circunstâncias muito especiais. Estou aqui falando com você, não estou?

Bem, ficamos lá por uns quarenta minutos, ela fingindo que estava interessada em dar pra mim, eu fingindo estar interessado no que ela poderia oferecer. Dois mentirosos. Marionetes.

Vítimas.

Que mais? Nada. Viemos até este mesmo apartamento; eu a torturei até que ela me dissesse onde guardava a *caixa*.

Tudo parte da pantomima, claro. Ela iria falar de qualquer jeito; mas eu esperava, estava convencido de que uma verdadeira amazona da *Orden* só poderia ser induzida a trair segredos da Irmandade sob tortura. Então, Luciana encenou um pouco de resistência, imagino que só para me agradar. Ambos não passávamos de marionetes, mas então só ela sabia disso.

Mas, onde eu estava?

Ah. Sim.

Estrangulei-a.

## IX.

Já falei sobre a caixa? Não há muito o que dizer e, ao mesmo tempo, há tudo o que dizer. Se estiver interessado, mais tarde você vai poder encontrá-la por aí.

O *Libro de la Orden* fala das caixas. Cada irmão, cavaleiro ou amazona, tem uma. É com elas que executam suas missões; que mantêm a história fluindo em seu leito. As caixas são veículos; são armas. São a chave do poder absoluto e, embora cada uma delas pese menos que um quilo, representam uma carga às vezes insuportável. Seu uso inspira uma alegria desconcertante ao mesmo tempo em que marca fundo na carne, como ferro em brasa.

Isso é o que o livro diz. Numa tradução livre, acho. É difícil lembrar de tudo.

E, naquele momento, eu tinha uma em meu poder.

O *Libro* ensinava a operá-la. Não era difícil; bastava escolher uma data e horário, dentro do calendário gregoriano. O que me apresentava um novo problema: em que dia e hora a vida havia começado na Terra? Alguns fundamentalistas cristãos falam em algo como 25 de novembro de 4000 aC, às três e vinte da tarde, mas essa dificilmente seria uma estimativa confiável. Os fósseis mais antigos já encontrados são de 3,8 bilhões de anos atrás; mas a crosta da Terra já estava formada há 4,3 bilhões de anos. Em algum instante, entre uma época e outra, a vida surgiu.

Quando? No momento em que eu decidisse chegar.

Escolhi o dia de meu aniversário, no ano 4.249.666.713 antes de Cristo. E iniciei a viagem.

## X.

É óbvio que eu esperava morrer poucos minutos depois de chegar lá. Sufocado pela atmosfera de gás carbônico e vapor d'água; talvez escorchado, reduzido a pústulas e pele seca pela luz calcinante do sol; dissolvido pelas águas cáusticas do grande Oceano Único. Minha missão era a da semente, da crisálida, que deixa

de existir para gerar vida nova; como o Cristo na cruz, minha morte seria o preço a ser pago para que a Vida pudesse começar. E eu esperava um fim doloroso e solitário, porém rápido. Eu *contava* com isso.

Olhei em redor. O céu era vermelho, roxo, com nuvens negras e marrons; o mar emitia um brilho fantasmagórico, uma luz mineral, provavelmente emanada por lavas incandescentes.

Mal tive tempo de notar esses detalhes antes que meus pulmões parassem, pesados, sobrecarregados pelo gás irrespirável, denso, que compunha a atmosfera ao redor; antes que a água ácida me corroesse a garganta.

Por um precioso instante, estive morto.

E depois...

Depois, eu *me lembrei*.

Estava numa jaula; era algum tipo de divisória de vidro, ou algum metal transparente. Ângulos todos errados, desproporcionais; conformação desconfortável — impossível ficar em pé, impossível sentar, impossível deitar. A textura, também: escorregadia demais para obter apoio firme, e ainda assim áspera o suficiente para haver atrito, e atrito doloroso.

E, do lado de fora, *coisas* — *seres* — me observando.

Só o que posso dizer é que *pareciam* estar vivos, e *pareciam* algum tipo de forma de vida inteligente... Que mais? Eles tinham *cinco* lados — você entende?, *Cinco!* — não apenas dois, não só direita e esquerda, mas...

E o mais estranho, o mais estranho de tudo, é que eu *me lembrava*. Como quem volta a uma casa onde viveu no início da vida, na primeira infância; como quem, de repente, se recorda da letra de uma música ouvida há muito anos.

A lembrança, ainda que incerta e fragmentada, foi como a nota grave que quebra o gelo e dá início à avalanche. No caso, uma verdadeira avalanche de *medo*.



Você sabe o que é isso? Medo? Você acha que está sentindo medo agora, sentado sozinho no escuro, no apartamento de uma mulher morta, ouvindo à confissão de um desconhecido que, pobre imbecil, você imagina seja um louco, um assassino? Ah! Você não sabe o que é ter medo.

Tudo o que você já pode ter lido ou visto ou ouvido ou *sentido* a respeito disso, do verdadeiro pânico, sobre seu impacto, sobre as sensações que causa... *Tudo*... — o coração que salta à garganta; o cabelo em pé nas próprias raízes; a visão que parece falhar, o frio que foma conta das pontas dos dedos, a terrível secura na garganta, a sensação do sangue que se esvai para não se sabe onde, o tremor convulsivo, a náusea, o suor gelado que brota na testa e hesita, suspenso, em gotas trêmulas — por um instante insuportável, tudo isso foi verdade para mim. Deus me ajude, tudo isso foi verdade *em* mim.

A caixa, no entanto, ainda estava comigo.

Usando-a, abri mão de meu sonho. Sem remorsos, pela primeira vez, fugi.

## XI.

— Déjà vu. No longo prazo inevitável, imagino. Depois de passar pela mesma coisa tantas e tantas vezes... Acho que tenho que me considerar um homem de sorte por ter conseguido interceptar a sua fuga.

O homem que me dirigia essas palavras estava emoldurado por um céu resplandecente, branco, marcado aqui e ali por manchas negras de formato variado. Atrás desse homem — ele mesmo uma figura digna de nota, vestindo algo semelhante a um hábito monástico com o número "VIII" marcado no peito — vi um edifício. Pelo que eu me lembrava de ter visto em fotografias e em minhas próprias viagens, poderia ser a Basílica de São Pedro. Mas a cúpula estava semidestruída.

O único som no lugar era a voz do homem, e o de minha respiração. Não se ouvia mais nada: pássaros, o

vento, folhas, nada. Nem mesmo passos à distância.

Eu estava caído no chão, e sentia uma dor aguda na espinha que, para todos os efeitos, me impedia de tentar qualquer esforço maior do que balbuciar algumas palavras — mesmo o ato de engolir saliva era, se não doloroso, no mínimo desconfortável.

— Tantas... vezes? — perguntei, mais por reflexo do que qualquer outra coisa.

— Ora! Não lhe parece óbvio? O senhor volta no tempo e fornece aos alienígenas da Raça Antiga a matéria-prima para que criem a vida na Terra, da forma como a conhecemos; a vida evolui, cria o senhor, que depois volta no tempo. O ciclo vem se repetindo, com pequena ajuda de minha humilde pessoa e de meus associados, em números redondos, há quatro bilhões de anos. A aparente natureza paradoxal do fenômeno obviamente não lhe escapa. Quanto a isso, só posso lhe garantir que, quando se observa o contínuo icoadimensional pelo lado de fora, tudo fica muito claro, realmente. Provavelmente houve algum tipo de saturação do ciclo, o que fez com que a informação gerada pelas oportunidades anteriores fosse assimilada pela mente de seu ego atual, após o choque da viagem. O resultado, pelo que posso ver, foi pânico absoluto. Não posso culpá-lo; os métodos analíticos da Raça Antiga podem ser bastante desagradáveis. Não que eles sejam cruéis, de jeito nenhum; apenas desconhecem todas as implicações envolvidas na estimulação aleatória do sistema nervoso. Mas me esqueço de que o senhor só teve oportunidade de ler os fatos comezinhos que reuni especialmente no *Libro de las Reglas*; temo que essas noções estejam, portanto, um pouco fora de seu alcance.

— Onde... estou?

— Roma. Vaticano, para ser mais preciso. O "quando" talvez também lhe interesse: 12 de outubro de 1582. Esta é uma das poucas coordenadas do espaçotempo em que o senhor pode continuar vivo, isto é, sem a ajuda de aparelhos especiais, como

um gerador de estase ou a câmara de ressurreição onde a Raça Antiga o colocou, e de onde o senhor fugiu. Aliás, reparo que, ao mesmo tempo em que lhe devolveu a vida, a câmara lhe causou alguns problemas estruturais bastante graves; danos que, sem dúvida, a própria câmara tratava de mascarar, ao menos enquanto o senhor se mantinha dentro dela. Mais paradoxos, é o que parece. E aqui vai outro: o dia de hoje nunca existiu. Não em Roma: em 1582, o papa cancelou dez dias do mês de outubro, o doze incluído.

À agonia em minhas costas vinha se somar, agora, um latejar crescente, uma câibra nos braços e pernas, com certeza causada pela posição pouco natural em que meu corpo se encontrava. O sofrimento me fez revirar os olhos, e mais uma vez contemplei o céu branco, marcado por manchas que eram como estrelas e galáxias negras.

O homem com o hábito de monge — eu me vi pensando nele como o "VIII" — percebeu o novo rumo de meu olhar, e disse:

— Impressionante, não? O céu é assim, nestes trechos em que congelamos a Eternidade: a área branca abrange todos os pontos, visíveis da Terra, onde já houve ou por onde já passou uma estrela, ou um corpo que refletisse, em nossa direção, a luz de uma. Já as falhas negras são os lugares onde nunca existiu luz visível a olho nu. O efeito de negativo é deveras majestoso mas, como todo o resto, nós nos acostumamos. Como a cúpula de São Pedro, ainda inacabada, e a cripta dos pais da Igreja, ainda aberta ali atrás. Já gostei muito de passear por esses lugares, mas atualmente...

— Morte.

— Perdão? Não creio ter entendido...

— Morte — eu disse. — Quero morrer. Sem... dor.

— Ah. Sim. É exatamente este o problema, não é mesmo?

Ele me contornou, de forma a olhar diretamente nos meus olhos — que eu não era mais capaz de desviar

do céu branco de estrelas. A dor era tão intensa que eu não tinha mais como senti-la de qualquer outra forma que não a de uma força irresistível, uma gravidade esmagadora que mantinha meu corpo imóvel, paralisado numa posição tão grotesca quanto a de uma marionete descartada, jogada fora sem ter quem lhe manipulasse os fios.

— Porque — continuou o “VIII” — senhor não pode morrer. Não aqui, porque é impossível morrer ou nascer nestas coordenadas, e em nenhum outro lugar do contínuo espaçotempo normal, porque isso destruiria toda a história do Universo. A Raça Antiga tem que estudar o senhor, para que desse estudo surja a primeira célula da primeira alga dos mares da Terra. Entende? Meu dever, portanto, é devolvê-lo ao laboratório da Raça Antiga. E, desta vez, sem meios de fuga. Aliás, tomei a liberdade de privá-lo de sua caixa. Espero não ter causado nenhum incômodo ao fazê-lo.

Eu não conseguia mais falar. Mesmo assim, algo deve ter mudado na expressão de meu rosto, porque o “VIII” de repente me pareceu como-vido.

— Por outro lado... Não há como negar que o senhor cumpriu muito bem seu papel, em todas as milhões de oportunidades anteriores. Para que a memória da Raça Antiga saturasse o contínuo dessa forma, o senhor deve ter realizado a viagem um número absolutamente incalculável de vezes. Talvez seja a hora de lhe dar um descanso, de sondar realidades alternativas...

Alguma esperança deve ter se filtrado em minha expressão, porque o “VIII” rapidamente desviou os olhos, antes de completar:

— ... e talvez seja a hora de dar à vida na Terra uma origem um pouco mais nobre. Senhor, seu histórico de crimes não o recomenda. Mesmo assim, estou propenso a considerar sua punição completa. Isto é, se o senhor estiver disposto a assumir um pequeno compromisso.

## XII.

Então ele me deu anestésicos que reduziram a dor a níveis quase toleráveis, e um aparelho que retardaria a degeneração de meu corpo, quando eu voltasse ao contínuo normal. Eu poderia me mover, ainda que de forma limitada; eu poderia falar. O aparelho retarda a passagem do tempo; dilata os segundos. Ou você não percebeu? Você entrou aqui há menos de dez minutos, e eu estou falando faz quase uma hora...

Ele me deu o anestésico, a máquina e me trouxe para este mesmo apartamento, poucos segundos depois de eu ter partido em minha viagem rumo à pré-história. O corpo da mulher ainda estava aqui. O “VIII” me passou uma arma e me mandou atirar no cadáver — e simular um grito de mulher.

Na hora, não perguntei por quê.

Depois ele me disse para esperar aqui, sentado, e contar toda minha história para a primeira pessoa que entrasse no apartamento. Em seguida pôs a caixa que tirei de Luciana na mesa ali atrás — não sem antes deixar bem claro o que me aconteceria se eu tentasse fugir —, tirou uma outra caixa de dentro do hábito, pegou o corpo e sumiu.

Estou aqui desde então. A máquina faz um bom trabalho, esticando meus poucos, meus últimos segundos de vida ao máximo. Já o anestésico não é tão bom.

E agora você está aqui, e ouviu minha história. E talvez seja mesmo a hora de dar à “vida na Terra uma origem um pouco mais nobre”. Pôr algum altruísmo nas raízes, só pra variar.

Quer saber? Acho que vou desligar a porra da máquina.

## Epílogo

O cheiro invade suas narinas e cai como ácido em seus pulmões, em seu estômago. Incapaz de se controlar, você vomita no chão da sala e agradece pelo gosto amargo de bile que se prende no céu da boca, bloqueando o odor da poça de fragmentos de osso e líquido amarelo que escorre do assento da poltrona à frente.

O fato de você conseguir ver a poltrona o surpreende. Um segundo atrás o apartamento parecia totalmente impermeável à luz de qualquer natureza. Agora, raios luminosos passam livremente por entre as persianas.

De acordo com seu relógio, passaram-se menos de quinze minutos desde o instante em que você desceu do elevador.

Há outra fonte de luz no aposento, mais intensa que as janelas: é uma caixa prateada, posta bem ao centro do que talvez fosse a mesa de jantar do apartamento.

Você caminha até lá, e abre a caixa. Você sente seu coração batendo: não rápido, mas com força. Cada pulsação é um impacto no peito, na garganta.

Há uma data marcada dentro da caixa. Você agora escuta, dentro do ouvido, o redemoinhar do próprio sangue.

A data, na caixa, é de bilhões de anos atrás.

Então você respira fundo. Em seguida, toma uma decisão.

## Conto :

# O vinho em seu sangue

por Lucio Manfredi

*O pessoal com DNA certamente vai se lembrar daqueles álbuns de times de futebol com figurinhas de jogadores, que a molecada comprava em pacotes fechados e ia colando no álbum, até completar todo o time. Ou melhor, quase, pois sempre faltava alguma, a famosa "figurinha carimbada", raríssima, o que nos obrigava a comprar dezenas de pacotes com figuras repetidas, objeto de animadas sessões de troca na escola. A expressão acabou virando sinônimo pessoa difícil, um tipo raro, exatamente como o querido Lúcio, uma figurinha rara em todos os bons sentidos.*

*E olhem que isso não é pouca coisa, considerando o tipo de pessoas que se interessam por FC. Aqui ele comparece com um conto curto, onde nos espreitam sombras de Blade Runner, numa São Paulo garoenta, num futuro indefinido, onde o(a)s andróides revelam, digamos, habilidades nada ortodoxas.*

*They're just thorns without a rose  
Be careful of them in the dark.*

TOM WAITS

A luz amarela das ruas dá à noite paulista um ar deliciosamente *fake*. Os edifícios assumem o aspecto de cenários de papelão numa cidade cenográfica e as próprias pessoas assemelham-se a bonecos de papel machê manipulados por um marionetista tão invisível quanto inábil. No alto, sobre os edifícios, *holodoors* entreabrem janelas nas paredes da anoitecida caverna platônica. Casais fazem amor no alto, sobre os edifícios, reluzentes em sua aura banhada a laser. Mulheres sensuais e cowboys urbanos, ninfetas nabokov e yuppies de plástico experimentam e induzem a experimentar do último alucinógeno da moda à multimídia *makeup*, vestem as roupas da estação e despem as roupas da estação, amam e fazem-se amar, vendem o que simulam comprar. Ninguém, porém, observa seu *samsara* eletrônico: é a minha hora na cidade, e eu não sou ninguém. Não nesse contexto.

Não é que as ruas estejam totalmente desertas. Uma vez a cada, digamos, quarenta minutos, pode-se esbarrar no fantasma de um junkie e em filas de mendigos largados, um que outro esquadrão de boêmios à saída das boates ou um qualquer notívago perdido. Mas poucos desses peregrinos do sol-posto terão a esta hora um minuto para os *holodoors*.

Eu tenho. Olhar faz parte de minha natureza, olhar bem, até estar certo de ter encontrado exatamente o que procurava. Detalhes que as pessoas desprezariam até subliminarmente, sem sequer se dar conta, ficam registrados no fundo de minha retina, informação avidamente sugada pelos nervos óticos que se encarregam de conduzi-la a um cérebro atento e voraz. O passo ébrio da *femme fatale*, o papel amassado de chocolate ao leite junto ao meio-fio coberto de pó, a ampola esmagada de THX, o brilho intermitente dos sinalizadores no alto dos edifícios, a menina enrolada em um cobertor rasgado, o cadáver de cão vadio atropelado, o videocartaz de um show do mês anterior, os *CDbooks* expostos numa livraria fechada, as folhas de uma derradeira árvore sinalizando a natureza perdida que jamais se teve, a fachada pichada do MASP, as estrelas do céu entre nuvens, o pombo encolhido à janela, os garotos perdidos e teu olhar adormecido, nada me escapa enquanto busco. E a loira alta que cambaleia ligeiramente pela calçada atrás de um táxi me diz com o vinho em seu sangue que, esta noite, minha busca terminou.

São duas horas da madrugada - de um dia assim. Estou deitado em minha cama, à espera de que a ronda noturna do Homem de Areia traga o

sono a meus olhos. Ligeiramente entreaberta, a porta do quarto cede passagem à luz da Lua que penetra pelo painel de vidro do corredor e caminha devagar até o dormitório. É uma luz encorpada, cor de prata, intensa o bastante para que se leia os títulos dos *CDbooks* na estante ao lado da cama. Meu olhar passeia por eles no passo lerdo de um visitante de museu que abomina a pressa dos turistas e suas câmeras fotográficas: *História de O*, *Ubik*, os cinco volumes do *Quinteto de Avignon*... Lentamente descem as pálpebras, como uma cortina que se abre para o palco onde mulheres de branco, etéreas e fantasmagóricas, executam um lânguido bailado hipnagógico. Há um vulto na porta. Feminino. Não consigo ver os detalhes, como o rosto ou a cor dos cabelos, mas o volume dos seios e a curvatura dos quadris são inequívocos. Levanto-me para investigar. Escancaro a folha lisa de madeira sintética e, como seria de se esperar, não há ninguém - ninguém aqui, só nós. Um sonho, é claro: o que uma mulher desconhecida estaria fazendo em minha solteira casa vazia a esta hora? É uma pergunta difícil de responder, e a voz aveludada que escuto diz apenas: "Entrei."

São duas horas da madrugada - estou deitado em minha cama, sem saber como voltei para cá. Não é a única coisa estranha. De onde veio



esse inquietante torpor que imobiliza meus membros, impede até mesmo que eu mova minha boca, deixando apenas os olhos arregalados virando de um lado para o outro? Do meu lado direito, escuto um cochicho de mulher, mas não consigo perceber o que diz. Se fecho os olhos, posso vê-la: tem cabelos castanhos e olhos desmesuradamente negros. A boca, de lábios cheios, exibe um sorriso de qualidade indefinível. Corpo pequeno, bem modelado. Se fecho os olhos, ela está deitada ao meu lado. Abro-os e estou sozinho com o torpor. Não os abro. Devagar, ela estende seu corpo contra o meu. As pupilas com que aprisiona meu olhar são janelas abertas para um tempo e um espaço além da compreensão humana. Acho que ela está me hipnotizando, porque, sem desviar meu rosto do dela, acabo resvalando para o sono. Sonho com um riso que é como o murmúrio de muitas águas cristalinas, e sonho com uma cachoeira de águas cristalinas. Sonho com um unicórnio que se aproxima da cachoeira e bebe de suas águas cristalinas. Sonho com um unicórnio de olhos negros, que são como janelas abertas para um tempo e um espaço além da compreensão humana.

Não é meu tipo de mulher. Apesar de bonita, e muito sensual, acho-a por demais corpulenta, bunda muito grande, seios excessivamente volumosos. Ela tem tudo para satisfazer o gosto típico de brasileiros, americanos e japoneses. Não o meu, porque prefiro que meu gosto seja atípico. Gosto de mulheres bem-feitas de corpo, mas pequenas, esbeltas, no melhor estilo *mignon*. Se algum dia escolher alguém para compartilhar, por assim dizer, o resto da minha vida, vai ser uma mulher nesse estilo. Mas não sou purista. Às vezes, meu sangue ferve com garotas que fogem completamente ao meu padrão, como neste caso, e quem sou eu para deixar de ouvir a voz do sangue?

Aproximo o carro do meio-fio. Ela se adianta um passo, julgando ser

um táxi, mas pára ao ver o motorista. Táxis não têm motoristas. A esta hora, tampouco há táxis, embora ela não pareça ter-se dado conta disso.

- Quer uma carona? - pergunto, abaixando o vidro do automóvel.  
- Não obrigada. - ela responde, educada mas firme. Está bêbada mas não é tola. Não se oferecem caronas à toa na São Paulo das madrugadas, a não ser que se ande com décimas intenções. Bem, as minhas, as melhores intenções, estão na casa das vigésimas-oitavas.

- Olha, não vai passar nenhum táxi por aqui. - insisto. - Nem ônibus, claro. - Apesar de que, bem vestida como ela está, parece do tipo que nem saberia soletrar a palavra *ônibus*. - Perdeu a condução? Durante alguns segundos, seu rosto oscila entre a vontade de desabafar e a expressão de o-que-é-que-você-tem-a-ver-com-isso?, código 0U812 do catálogo de *fast-faces* fornecido a todo paulistano no dia do seu nascimento. Por fim, ganha a primeira. Meu tom de voz foi calculado para inspirar simpatia. Minha própria expressão, item fora de catálogo e fabricada sob encomenda, foi calculada para inspirar simpatia. Meu carro, vê-se logo pelo porte da mulher, é do tipo que lhe inspira simpatia. Ela fala.

- Briguei com meu namorado. - diz.  
- Ele achou que eu estava flertando com outro cara.  
- E você estava?

Uma dose pequena de provocação sempre ajuda. Ela arregala os olhos num rascunho de zanga que não chega a se formar e balança a cabeça, meio indecisa.

- Eu sempre pareço estar flertando com alguém. - explica. - É o meu jeito.

Fica esperando que eu diga alguma coisa. Eu digo:

- Meu nome é Lucard. - apresentação formal, sorriso informal. É uma combinação que nunca falha.

- Cintia.

Pronto, meu bem. Já não somos

mais estranhos. *Da capo*.

- Quer uma carona?

Abro a porta. Ela entra.

Durmo sempre com as placas de transparência subjetiva ligadas, e a luz do dia que acabou de nascer atinge meu rosto com o impacto de uma colisão de jamantas. Levanto de um salto e esmurro o botão que fecha as placas, mergulhando o quarto numa escuridão benfazeja. Durante um momento, a retina pulsa com a persistência do brilho do Sol. Sento-me e fico parado uns instantes, preparando-me para enfrentar o dia. Sinto-me muito tonto, meu estômago dá voltas como uma jibóia de estimação. Ainda com a vertigem do sono, ponho-me de pé e vou cambaleando em direção ao banheiro. Está errado, penso. Paro e olho para trás. A porta do quarto está fechada: eu a fechei quando saí? Bom, pra falar a verdade, não lembro nem mesmo de tê-la aberto. Falar em lembranças, recordo vagamente que sonhei com unicórnios e cachoeiras, mas não consigo extrair da memória os detalhes. Não importa. Entro no banheiro. Ligo o *3DMirror* e espero o feixe do laser percorrer meu corpo e projetar seu holograma perante mim. Ele demora e não projeta nada. Deve ter quebrado. Escovo os dentes enquanto o homeostato ajusta o chuveiro à média entre a temperatura ambiente e a minha. Por algum motivo, a escova trava. De repente, a idéia de um banho de chuveiro me repugna. Prefiro encher a banheira. Quando me deito, sinto um agradável torpor que me parece familiar, como se ecoasse uma outra sensação, indeterminável. Ensabô-me e, ao passar a esponja pelo pescoço, percebo uma espécie de calombo ou algo parecido. Apalpo o lugar com a mão. São duas pequenas feridas, cobertas com uma crosta de sangue seco. Como uma mordida.

O apartamento dela, espaçoso sem chegar a ser grande, parece uma vi-

trine de loja *hi-tech* - como o meu, aliás. O terminal de multimídia ocupa uma posição de destaque junto à parede. É um modelo sofisticado, que faz a palavra *vanguarda* parecer o que existe de mais demodê na face da Terra, integrando computador, HDTV, rádio, CD, vídeolaser, junto a uma instalação deliberadamente retrô de videocassete, toca-fitas e até uma vitrola. Não posso evitar a inveja, sobretudo ao ver que, ao contrário do meu, o terminal incorpora um sistema de realidade virtual. Há uma estante de linhas sóbrias e cores claras, combinando com o jogo modular de sofás. A estante possui quatro prateleiras, ocupadas com um conjunto de estatuetas chinesas de marfim, representando os oito grandes imortais, e uma pequena mas seleta coleção de livros verdadeiros, livros de papel. Em outras palavras: uma garota razoavelmente rica e muito da pós-moderna. Por um momento considero a hipótese de... Melhor não.

- Quer beber alguma coisa? - ela oferece.

- Se você me acompanhar.

Ela hesita, com certeza pensando que já bebeu demais. Mas acaba por fazer um gesto de desdém, significando "foda-se, estou em casa mesmo", e abre o barzinho para que eu escolha. Só então reparo no móvel. Projetado para não chamar a atenção e, ao mesmo tempo, fazer nosso queixo cair de admiração uma vez localizado. No barzinho, uma surpresa: uma garrafa de amanita siberiana pouco acima da metade. Não poderia ser melhor, digo a mim mesmo. E não precisei usar qualquer sugestão hipnótica...

Com o que sonham os vampiros? O que poderiam sonhar os mortos, os não-vivos, aqueles que ultrapassaram o prazo dentro do qual deveriam levantar-se e andar pela Terra, e que ainda assim recusam-se a se entregar à lenta porém segura dança entrópica da decomposição que deveria ser o caminho de toda carne?

Ignoro quais são as imagens que passam pela cabeça dos outros quando estão deitados no escuro, o resto

do mundo mergulhado numa claridade engeuecedora que, não sendo verdade que nos destrua, e nem mesmo provoque leves queimaduras, por outro lado é um bocado incômoda. E não sei com o que eles sonham por um motivo bastante simples: ao contrário do que Roman Polanski mostra na *Dança dos Vampiros*, inexiste qualquer conspiração de Nosferatus para dominar a Terra. Não temos nem mesmo clubes, nosso barzinho preferido ou uma sociedade de amigos dos sugadores de sangue. Somos predadores, e predadores são sempre solitários.

Meu primeiro sono como anfíbio, suspenso da brecha entre aqui e além, foi povoado pelas imagens banais de qualquer sono, e de interessante tinham apenas o fato de remeterem todos à minha infância. Mas *A Interpretação dos Sonhos* aproxima-se de seu sesquicentenário e a essas alturas já se deveria saber de cor e salteado que isso vale para qualquer sonho: os meus, naquele dia, sendo apenas um pouco mais explícitos a esse respeito. Um deles, inclusive, era a repetição quase literal de um pesadelo que eu costumava ter com quatro anos de idade. Estava no quintal da casa de minha avó quando abruptamente surgia uma japonesa vestida de gueixa e, lentamente, naquele passinho curto de esposa de samurai, aproximava-se de mim, pegava no meu braço e dizia: "Você quer aprender a voar?" Antes mesmo que eu tivesse chance de entender a pergunta, e com uma força que ninguém saberia como tinha ido parar naquele braço, ela me arremessava para cima e eu acordava, ainda sentindo a vertigem da queda para o alto e com muito mais medo do que o justificado pelo conteúdo manifesto do sonho.

No videotape a que assisti dormindo, cerca de vinte anos mais tarde, as coisas se passaram da mesma forma, exceto pela pergunta que a japonesa fazia, e que agora era: "Você quer aprender a matar?"

Os primeiros minutos da bebida fazem com que a sala do apartamen-

to de Cintia se torne fosforescente, cada peça de mobília emitindo uma seqüência contínua de mensagens telegráficas com a pulsação de fótons sobrenaturais conjurados nos subterfâneos do cérebro. A própria Cintia encontra-se envolta em uma aura de púrpura profundo, que descreve órbitas de extrema sensualidade ao redor de seu corpo, cada vez menos vestido à medida que eu a abraço, beijo seu pescoço, os seios, a vulva, percorro suas formas com mãos subitamente convertidas em letras de fogo contra um fundo abissal de luz negra. Enquanto nos deitamos, as paredes, os móveis, o terminal de multimídia, a sala inteira vai se decompondo em linhas de força luminosas e multicoloridas, os acidentes exteriores se apagando rapidamente para deixar a descoberto apenas a essência arquetípica das coisas, malha de supercordas ligando o espaço ocupado por nossos corpos à totalidade do universo, conexões não-locais abrindo caminho para além das fronteiras da realidade, mergulhando num abismo primordial anterior a qualquer existência particular. Finalmente, as linhas se contraem até transformarem-se em pontos luminosos que se põem a dançar diante de meus olhos fechados.

Contemplo o rodopiar de um conjunto de luzes formados com todas as cores do mundo, algumas que não se sabe de onde vieram e a cor que caiu do céu, cada partícula resplandecente ajudando a tecer a rede brilhante de uma girândola hipnótica e psicodélica, que vai se abrindo em movimentos espirais até preencher completamente minha tela mental, para então retrocederem no mesmo ritmo, contraindo a rosácea que compõem até se concentrarem num único ponto, primeiro entre os átomos, anterior à gênese, hesitando alguns segundos no centro virtual de meu campo de visão antes de recomeçarem com o balé pós-*big bang* coreografado pela amanita.

Sob meu corpo, Cintia murmura repetidamente seu próprio nome, como se fosse o encantamento-chave

de algum antigo ritual de bruxaria somente conhecido das mulheres. Sinto suas longas unhas vermelhas percorrerem minuciosamente a topografia de minhas costas, num ritmo que inexplicavelmente acompanha a feérica dança executada pelas luzes que só eu vejo. Suas pernas me envolvem a cintura e ela pressiona seus seios com força contra meu peito. Para meus sentidos distorcidos pelo alucinógeno, a pressão se transforma numa onda de calor em que a consciência languidamente mergulha, penetrando numa escuridão morna e úmida capaz de dissolver qualquer vestígio de auto-identidade. Uma garota explosiva. Se essas são as carícias preliminares, o que será o orgasmo com ela? Não posso me entregar totalmente. Preciso lembrar que meu objetivo não é uma trepada, que sexo é apenas o ariete com que forçarei o caminho até seu sangue, o sangue que corre por esse corpo macio, sensual, inexorável. Estou perdendo a batalha pelo autocontrole, que se dane, nunca antes transar com uma garota abriu um leque tão estranho de sensações, estou no meio do deserto, caído junto às areias de uma duna e em meu delírio alucino que faço amor com uma *blondie* sobre o tapete da sala de seu apartamento, não é um tapete, são grãos de areia, aquela luz no alto é o Sol que me charqueia a carne, a garganta seca contrai-se até quase atingir o raio de Schwarzschild, arrastome à procura de qualquer fonte de líquido, não há oásis, não consigo nem mesmo chamar o garçom para me trazer uma garrafa de água mineral sem gás, vinho tinto *s'il vous plait*, com certeza é a amanita, preciso de mais uma dose, querida, importa-se de tirar a boca do meu pênis, era eu quem deveria morder você, seja você quem for e por falar nisso seja quem for eu também, chegue o pescoço para cá, não é o pescoço, meus lábios colam-se a seu seio branco, deslizam até sua boca, é difícil imprimir aos movimentos a precisão necessária, mas por fim localizo a jugular e nela cravo meus dentes antes que a perca novamente. Cintia exala um grito rouco, felino, e

deixa que eu sugue seu líquido vital ao mesmo tempo que o meu jorra para dentro dela e me extravio em um labirinto de fulgurações de amanita cercado de trevas por todos os lados.

Enquanto o tempo passa, vou aprendendo algumas coisas sobre meu novo estado. Não estou morto, mas tampouco se pode dizer que eu viva. Tenho uma espécie de semivida, que só se mantém artificialmente, com o plasma sanguíneo de outras pessoas, já que meu próprio organismo tornou-se incapaz de renovar o sangue. Tenho que me alimentar menos vezes do que antes. Uma vez a cada três dias é o suficiente. O coração não bate mais espontaneamente: como na fisiologia de Descartes, é o fluxo do sangue que sugo que estimula o movimento do músculo. Tempos atrás, li uma teoria amalucada que explicava o vampirismo como uma infecção produzida por uma espécie de bacilo. Se um vampiro injetar seu sangue em alguém, em vez de chupar, sua vítima também se contamina. Pode ser verdade. Não sou nem louco de pedir a um médico que confirme. Abraham Van Helsing era médico, esqueceram? Provavelmente acabaria com uma estaca enfiada no peito, a cabeça cortada rolando para longe. Ou pior.

Saio apenas à noite. Alimento-me com a seiva que escorre pelo corpo de mulheres jovens e atraentes. Questão de estética: em princípio, qualquer pessoa serviria. Mas, por que atacaria um homem, tendo de me contentar apenas com seu sangue, quando, além de nutrição, as mulheres também podem me dar prazer? Sobreviwo - e é de sobrevivência mesmo que se trata - com o que consigo tirar delas. Roubo, sim. Posso não ter que comprar comida mas, ao que me consta, um estilo de vida como o que ostento ainda não sai de graça.

O sangue de Cintia tem um gosto diferente, esquisito. Não é a amanita, que sou perfeitamente capaz de identificar. Junto à droga diluída na corrente sanguínea, percebo com nitidez um gosto de óleo e ferrugem, e o pró-

prio sangue tem uma consistência mais pastosa que o normal. Levo alguns segundos para identificar que tipo de gente tem sangue assim, espesso, e fico espantado com a descoberta.

- Você não é humana, porra! - exclamo.

Ela geme. Ainda estou dentro dela, com os dentes e com o membro. Seu icor escorre abundantemente pela minha boca.

- Você é uma andróide!

Levanto-me. Ela me olha, espantada. Álcool, amanita e orgasmo deixaram-na embotada. Ainda não percebeu que eu a mordi.

- O que é que tem isso? Vai discriminar?

Pela lei, andróides são cidadãos como quaisquer outros, não importa que tenham nascido de um laboratório de engenharia genética em vez de um útero humano. O artigo da constituição contra o racismo aplica-se também a eles. Tratar andróides como não-humanos não é politicamente correto. Nada contra, só que, merda!, não se pode sugar o sangue de um andróide!

Cambaleio pela sala. Nunca mordei um replicante. Não sei que diabo de efeito isso vai ter sobre mim. Visito-me, atabalhoadamente, a língua ainda sabe a azeite de oliva sem oliva, Cintia continua largada no chão, as pernas abertas escorrendo sêmen, a jugular aberta escorrendo sangue. Seus olhos estão embaçados. Não é apenas o coquetel de estimulantes em que se transformaram seu estômago e o baixo-ventre, a fraqueza provocada pela hemorragia está começando. Ela vai morrer, claro. Procuo o banheiro, abro o armarinho de remédios, deve ter qualquer coisa para fazer um curativo. Não encontro nada, nem um miserável tubo de películas *band-aid*. Por que me preocupo? Ela é só uma vítima, apenas outra presa que encontrei na noite da cidade. Droga, não é nem mesmo uma boa vítima, não passa de uma andróide. Em vez de alimento, bebi veneno, devia mais era me preocupar com o que vai acontecer ao meu organismo.



Mas foi a melhor foda de minha além-vida. E tem um corpo esplêndido. Claro, ela foi projetada para isso, como poderia ser diferente? O cara que ela chamou de “namorado” provavelmente era um cliente, quem sabe? Talvez até o sujeito que mantinha o apartamento para ela. Por que eu deveria ligar?

No entanto, eu ligo. Volto para junto dela e me ajoelho ao lado de seu corpo já inconsciente. Ergo-a delicadamente e, quase com ternura, volto a morder seu pescoço. Desta vez, não sugo nada. Inoculo.

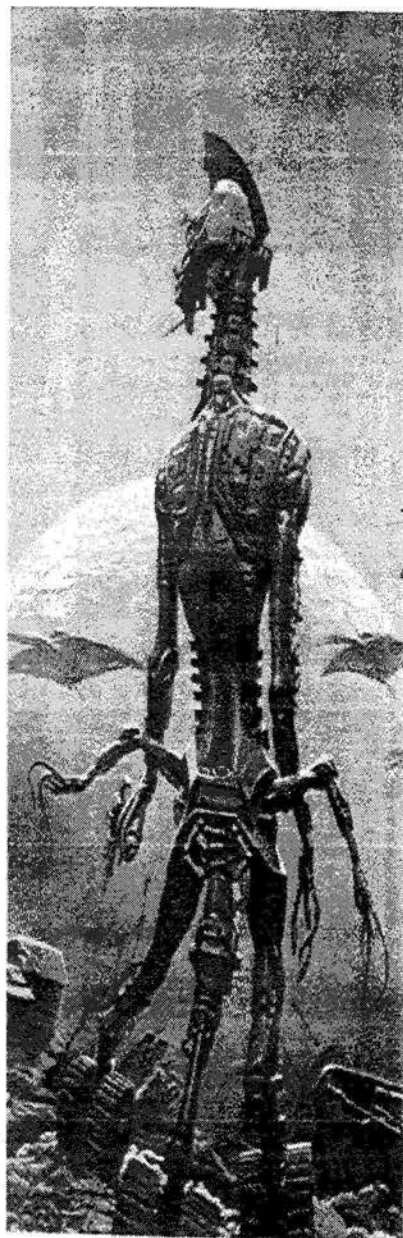
São duas horas da madrugada - estou deitado em minha cama. É uma noite como a primeira noite, enluarada, suave. Penso na vampira que me transformou em carne de sua carne e sangue de seu sangue. Imagino onde ela estará, qual o nome humano que recobre sua voracidade animal, com o que ela sonha ao dormir. Gostaria de tornar a encontrá-la. Mas vampiros são predadores solitários e suponho que não teria nada para lhe dizer se acaso nos cruzássemos por essas madrugadas da Paulicéia desvairada.

Estou cansado. Passei uma semana massacrante, vomitando sem parar. Achei que o estômago ia querer contrariar as leis da física e deslizar ladeira acima, escorrendo pela garganta, mas ele acabou aguentando firme no lugar. Tontura e vertigem alternavam-se. Febre. Alucinações. A segunda morte de que fala o *Livro dos Mortos* egípcio ameaçava-me com a aniquilação total da alma. Via-me flutuando em um rio de águas sombrias, deitado numa barcaça conduzida por um homem com cabeça de chacal, enquanto demônios em forma de crocodilo esperavam junto às margens pelo momento de se atirar a meu coração. No céu, morcegos de olhos injetados conduziam um cortejo de espectros e aparições. Sentia longas fileiras de dentes dilacerando meu peito. Gritava, uivava de dor. De repente, estava de volta à minha cama, quase afogado em suor e lágrimas. Depois, as alucinações regressavam e eu estava sendo crucificado por uma multidão de anões de unhas com-

pridas, vermelhas. Longos cravos de ferro oxidados prenderam minhas mãos à trave horizontal da cruz, mas o sangue não escorreu. Meus pés foram pregados no poste da cruz, mas o sangue não escorreu. Um anão com cara de fuinha enterrou uma lança em meu corpo pendurado na cruz, mas o sangue não escorreu. Era o topo de uma montanha rochosa, o Sol e a Lua brilhavam ao mesmo tempo e a multidão aplaudia sem parar. Sabia que jamais morreria, então fechei os olhos e me fingi de morto, para que meu cadáver fosse descido e sepultado. Ainda assim, demoraram para agir. Arrastaram meu corpo para uma caverna e fecharam a entrada com uma pedra larga. Três dias depois, ergui-me da sepultura. Com esforço, afastei a pedra da porta e entrei em meu quarto. Finalmente, a febre cedeu. Estou cansado.

Há uma semana que não tenho fome. Ontem, comi apenas um sanduíche de queijo com um copo de leite. Hoje, tomei só o copo de leite. Acho que já estou em condições de sair. Tomo um banho e troco de roupa. O Sol da tarde ecoa uma luz fraca, agradável sob o azul do céu. Entro no carro e vou até o apartamento de Cintia. As ruas estão cheias de gente que sai do serviço, vai para a escola, volta para casa. Camelôs amontoam suas barraquinhas de *everything & nothing*. Deixo o carro estacionando-se a cem metros do edifício e, quando me apresento, o porteiro me deixa subir sem chamar pelo interfone. Cintia deve ter dado ordens nesse sentido para ele. Por quê? Não faço a menor idéia. Talvez, apesar de tudo, ela me considere seu amigo por lhe ter salvado a vida. Muito embora a verdade é que não foi bem isso que eu fiz.

Ninguém atende à campainha. Empurro a porta. Está aberta. O apartamento encontra-se vazio. Os sofás, o terminal de multimídia, a estante com livros verdadeiros, tudo parece ter sumido no ar. O resto do apartamento mostra-se igualmente desnudado. Vou embora. É claro que Cintia não me considera seu amigo, penso ao entrar no carro. Ela é um predador, e predadores são sempre solitários.



## Conto (excêrto)

# Sideral no buraco sem fundo de Parnarama

por Ataíde Tartari

*Sempre inovando, os nossos editores realizaram a façanha inédita de avançar no Tempo, esgueirando-se por uma brecha na trama do continuum quadridimensional, para ir buscar no Futuro da nossa Linha Temporal Gersoniana um trecho de um livro que por enquanto só existe por lá. Pelo menos é o que se supõe, caso contrário em breve estaremos todos temporealmente enrascados num daqueles paradoxos nada ortodoxos.*

*Para evitar problemas maiores, o Somnium não irá publicar agora o livro todo, com isso evitando também estragar o prazer futuro dos nossos prezados leitores, sem contar que seria uma tremenda sacanagem contar o Fim da História antes do tempo.*

A picape do professor era a maior comédia. Eu não botei fê no que eu tava vendo. Ela era amarela misturada com aquele cinza de massa, tá ligado?, e não tinha janela de nenhum lado. Meu tio e a Wanda foram dentro da cabine, ao lado do professor; e eu e o detetor de metais da Wanda fomos na caçamba. O nosso motorista de Teresina ficou na casa: na retaguarda, como eles falam.

Ali na caçamba eu me liguei que nem amortecedor a picape tinha. Dava cada tranco que quase me jogava pra fora. Além disso, o caminho até a cratera era pelo meio do mato mesmo, e eu a toda hora levava uma estilingada de um galho. Quando o professor parou o carro, eu já tava até meio arranhado na cara.

No que eu fiquei em pé na caçamba, eu vi a cratera. Quer dizer, não parecia com nenhuma daquelas crateras que a gente vê em livros e filmes. Era mais um buracão mesmo. Devia ter, sei lá, uns vinte metros de largura, no máximo.

Depois de descer da picape, ficou todo mundo, assim, andando na beirada da cratera sem falar nada. Eu parei e fiquei olhando pr'as árvores em volta do buraco. Era superestranho: não tinha acontecido quase nada com as plantas. Quer dizer, essas árvores nem eram muito altas e tinham um tronco, assim, não muito grosso, e mesmo assim nenhuma delas tinha sido arrancada.

A Wanda parou do meu lado, fazendo um gesto de cima pra baixo com a mão.

-- A queda foi bem na vertical - ela falou.

Eu fiz que sim com a cabeça. Acho que essa era a única explicação mesmo. Se ele tivesse caído meio inclinado, tinha decepado um monte de árvores. Quase todas elas ali em volta tinham, tipo, uns dez metros de altura, mas elas tavam bem na beirada do buraco. Não tinha como o meteoro passar raspando ali sem arrancar um monte delas.

-- Isso não é comum, né? -- eu perguntei.

-- De jeito nenhum -- ela falou. -- Tá totalmente fora dos padrões. Os meteoritos nunca caem na vertical; não deste jeito.

-- E vocês ainda acham que foi meteoro? -- meu tio falou, chegando junto com o professor. Ele também tava com a máquina fotográfica na mão, tirando um monte de fotos da cratera.

Eu logo me liguei que o meu tio já tava pensando em disco voador. Ela sempre pensa nisso. Mas eu, como eu já te falei, eu penso mais como os cientistas. Uma vez eu tava assistindo aquele canal Discovery quando um cientista falou assim: "Se não ainda não tem uma explicação, contente-se com a especulação científica. Crenças e fantasias nunca ajudaram a explicar nada."

É lógico que eu nunca falei assim com meu tio, mas é mais ou menos assim que eu penso. Ficar achando logo de cara que aquele buraco tinha sido feito por um disco ia só atrapalhar.

Depois que meu tio parou de

tirar fotos, ele jogou uma prancheta na minha mão, falando assim:

-- Tá na hora de começar a trabalhar, garoto.

Ele tava com um aparelho GPS na mão. De olho no visor, ele foi dando os dados pra mim escrever.

-- Anota aí -- ele me disse. -- Coordenadas do impacto: 5 graus, 50 minutos e 37 segundos Sul e... 43 graus, 7 minutos e 29 segundos Oeste.

Eu escrevi direitinho que nem ele disse. Aí o professor falou assim:

-- Não esquece de escrever "profundidade ignorada".

No que ele falou isso, todo mundo foi até a beirada do buraco, olhar lá pra baixo. Eu vi que o buraco tinha um formato normal, assim, côncavo. Só que no fundo dele tinha uma continuação que nem um ralo.

-- Cê já desceu lá? -- meu tio perguntou pro professor.

-- Não. Mas meu empregado já entrou por ali -- ele falou, apontando pr'a aquilo que eu te falei que parece um ralo. -- E ele não conseguiu ver até onde vai.

-- Como assim? -- eu falei. -- Por que é muito escuro?

O professor fez que sim com a cabeça: -- É bem escuro, mas ele usou uma boa lanterna e depois jogou um pedregulho. Nem com a luz, nem com o ruído foi possível determinar a profundidade do buraco. Trata-se de um túnel, na verdade.

Meu tio fez uma cara engraçada, que nem se ele tivesse se lembrado de alguma piada.

-- Meteoros não cavam túnel -

- ele falou, tirando uma comigo.

Eu virei pra ele e falei assim:

-- Se ele for um miniburaco negro cava, sim. Até o centro da Terra.

Todo mundo ficou olhando pra mim daquele jeito, que nem se eu tivesse pirado de vez, tá ligado? Miniburaco negro é um barato que quase ninguém entende. Se você quer saber a verdade, nem os cientistas entendem direito. Quer dizer, eles nem sabem se isto existe de verdade. É só teoria, por enquanto.

-- Peraí! -- a Wanda falou. -- Você sabe o que é um buraco negro, por acaso? Se pinta-se um buraco negro por aqui, a Terra é que seria comida por ele.

-- Eu sei disso -- eu falei pra ela. -- Um buraco negro normal tem uma massa de mais de mil Terras. A Terra é que ia cair dentro dele que nem um meteoro. É por isso que eu falei mini buraco negro. Nunca leu sobre isso?

A Wanda só fez que não com a cabeça. Acho que ela não tava pondo muita fé no que eu tava falando.

-- Bom, é uma coisa meio complicada pra explicar -- eu continuei -- mas a teoria diz que se esses buracos grandes têm uma massa infinitamente grande num tamanho infinitamente pequeno, nada impede que existam também alguns com massa bem pequena voando por aí, pelo espaço.

-- Mas como é que cê pode saber que há miniburacos por aí?

-- Não tem como saber: eles são invisíveis! A gente só sabe que os grandes existem porque os telescópios conseguem ver quando alguma coisa tá caindo dentro deles. O único jeito de saber se os miniburacos existem é assim -- eu falei, apontando pro ralo da cratera.

O professor ficou olhando pra mim e coçando o queixo. Aí ele falou assim:

-- Que tamanho você acha que teria este miniburaco?

-- O tamanho de qualquer buraco negro é sempre zero -- eu respondi pra ele. -- Buraco negro, como

estado da matéria, é massa sem volume. No nosso caso aqui, ele pode ter, assim, o peso de um meteoro normal. Ele cai como um meteoro comum, do jeito que cês viram ele caindo, mas em vez de se esborrachar, ele fura o chão até o centro de gravidade da Terra.

-- E depois? O que acontece?

-- Nada -- eu falei. -- Quer dizer, acho que ele fica parado lá, comendo a Terra pelo meio...

Ficou todo mundo quieto, assim, mais de um minuto. Até eu fiquei assustado com o que eu falei, se você quer saber.

Então o professor apontou pra boca do túnel: -- Vocês querem descer?

-- É claro -- meu tio falou.

O professor foi até a picape dele e trouxe duas lanternas e uma corda esquisita. Só quando ele esticou é que eu vi que era uma escada feita com corda e uns pedaços de pau meio finos.

Meu tio amarrou essa escada de corda no tronco da árvore que tava mais perto e começou a descer. Aí ele deu uma olhada pra cima e falou pra mim:

-- Paulinho, vem atrás de mim.

Eu sentei na terra, na beirada do buraco, agarrei na corda e dei uma virada, tá ligado?, pra ficar de frente pra escada. Fui descendo e olhando pra baixo pra ver onde tava a cabeça do meu tio. O problema é que a escada era curta e a gente teve que descer o resto do caminho enfiando a mão e o pé na terra. Por sorte meu tio me segurou, senão eu ia escorregar direito pra dentro daquele ralo.

No que eu consegui me equilibrar e ficar de pé, eu vi que a Wanda ainda tava lá em cima e querendo jogar o detector de metais dela pra gente pegar.

Meu tio fez que não pra ela. -- Coloque ele nas suas costas -- ele falou. -- É mais seguro.

Ia ser engraçado ver o detector dela caindo dentro do buraco. Se ela também escorregasse lá pra dentro ia ser muito comédia. Mas aí ela chegou direitinho e foi logo ligando o

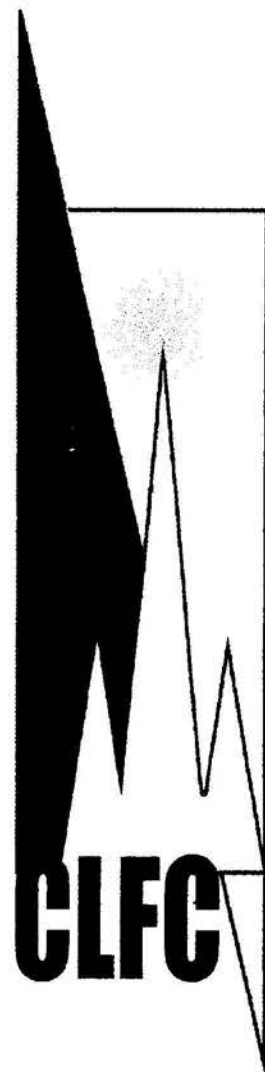
aparelho.

-- E aí? -- meu tio falou pra ela. -- Nada?

Ela fez que não com a cabeça. -- Não foi um meteorito metálico que caiu aqui -- ela falou. -- Isto é certo.

Meu tio então apontou pro buraco, falando assim:

-- Vamos continuar, então.





# Regulamento do Concurso ARGOS

*Já estava mais do que na hora de retomarmos a saudável prática de incentivar nosso(a)s escritore(a)s de FCB com premiações e afins, após um bom período em que nada aconteceu, desde a morte matada do tradicional Prêmio Nova. Tivemos recentemente o Nautilus, iniciativa do jovem batalhador Fábio Barreto e agora vem aí o Concurso Argos, que traz o atrativo adicional de um prêmio em dinheiro. A edição inicial, do ano 2000, premiará os melhores trabalhos publicados em 1999, utilizando para a escolha critérios calcados na premiação dos Oscars do cinema norte-americano: uma fase inicial de Indicação seleciona um grupo de obras do universo publicado, em várias categorias e, na fase seguinte de Votação, saem os vencedores pelo voto direto nos Indicados.*

*Os critérios de inclusão, indicação e votação são dos mais democráticos e transparentes e devemos todos participar para que esta premiação decole e se estabeleça como incentivo à nossa combatida FCB.*

## Dos Objetivos

**Art. 1º** — O Prêmio ARGOS tem como objetivos básicos e inerentes:

(I) Registro da produção e da publicação profissional e amadora de FC&F (Ficção Científica, Horror, Fantasia & História Alternativa) em língua portuguesa.

(II) Eleição dos melhores trabalhos ficcionais de FC&F publicados a cada ano na área de ficção e a premiação em dinheiro do melhor trabalho de cada ano.

(III) Eleição das melhores publicações profissionais e amadoras dedicadas aos gêneros da FC&F e a premiação em dinheiro da melhor publicação dedicada a esses gêneros em cada ano.

(IV) Divulgação da existência e dos objetivos do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) dentro e fora do fandom.

(V) Estímulo à produção de obras de FC&F nas áreas acima mencionadas.

(VI) Congregação do fandom em torno dos eventos de premiação.

## II) Do Âmbito

**Art. 2º** — O Prêmio ARGOS é uma promoção sob a responsabilidade e os auspícios do CLFC. Cabe ao CLFC definir a formação de uma Comissão Organizadora com plenos poderes, e decidir quanto às substituições de membros dessa Comissão que se fizerem necessárias ao longo do tempo.

**Art. 3º** — Todos os sócios ativos do CLFC podem indicar trabalhos e publicações para concorrer à premiação. A indicação é a primeira fase do processo de premiação.

**Art. 4º** — Todos os sócios ativos do CLFC, exceto os membros eleitos da Diretoria e os membros da Comissão Organizadora do prêmio ARGOS, estão aptos a votar nos trabalhos e publicações indicados. A eleição dos melhores trabalhos e publicações é a segunda e última fase do processo de premiação.

**§ único** — Para efeito deste regulamento, considera-se sócio ativo aquele que estiver em dia com suas mensalidades ou anuidade, ou aquele que estiver em atraso por período igual ou inferior a 180 (cento e oitenta) dias.

## III) Das Categorias

**Art. 5º** — As categorias de premiação são duas:

(i) “melhor trabalho de ficção científica, horror, fantasia ou história alternativa publicado em português” no ano anterior; e

(ii) “melhor publicação em português dedicada à ficção científica, horror, fantasia ou história alternativa” no ano anterior.

**§ único** — Embora refira-se a trabalhos e edições do ano anterior, o Prêmio ARGOS terá seu nome associado ao ano em que os prêmios forem concedidos. Assim, o Prêmio ARGOS 2000 premiará os melhores trabalhos e publicações do ano de 1999, e assim por diante.

**Art. 6º** — Cada categoria deverá possuir um mínimo de 3 (três) concorrentes. Uma categoria deixará de ser disputada sempre que não houver este número mínimo de concorrentes.

**Art. 7º** — A Comissão Organizadora pode atribuir em caráter excepcional o “**Prêmio ARGOS ESPECIAL**”, com valor a ser definido, para agraciar personalidades que se destacaram através de um esforço contínuo ao longo da vida em prol do desenvolvimento em língua portuguesa dos gêneros da ficção científica, horror, fantasia e história alternativa.

#### **IV) Da Comissão Organizadora**

**Art. 8º** — A Comissão Organizadora será formada por 3 (três) membros: 1 presidente e 2 delegados executivos. Em princípio serão membros da Comissão Organizadora os três membros eleitos da Diretoria do CLFC, a citar: o Presidente; o Secretário Executivo e o Tesoureiro.

**§ único** — A menos que decidido em contrário pela Diretoria, caberá ao Presidente do CLFC a função de presidente da Comissão Organizadora do Prêmio ARGOS.

**Art. 9º** — Desde amparada em critérios técnicos bem definidos, a Diretoria poderá, através de decisão unânime de seus três membros eleitos, escolher em caráter excepcional membros da Comissão Organizadora dentre os sócios ativos do CLFC que não façam parte da Diretoria.

**Art. 10** — São funções intrínsecas da Comissão Organizadora:

- (I) Receber as indicações dos sócios ativos.
- (II) Definir e, quando necessário, alterar as datas e prazos do Prêmio ARGOS, visando otimizar a objetividade e a representatividade das premiações.
- (III) Divulgar as listas parciais e finais dos trabalhos e publicações concorrentes.
- (IV) Remeter a cédula de votação com a lista de concorrentes em anexo para os endereços de todos os sócios ativos.
- (V) Apurar os votos e divulgar os resultados durante uma reunião mensal do CLFC em São Paulo.
- (VI) Organizar a cerimônia de premiação.
- (VII) Decidir, com o beneplácito da Diretoria, quanto da conveniência de se atribuir o Prêmio ARGOS ESPECIAL.
- (VIII) Providenciar a aquisição dos troféus e a confecção de diplomas para os vencedores das duas categorias.

#### **V) Da Indicação de Concorrentes**

**Art. 11** — Estão automaticamente qualificados como aptos para indicar concorrentes para as duas categorias do Prêmio ARGOS todos os sócios ativos do CLFC, conforme definidos no § único do Art. 4º.

**Art. 12**— Cada sócio ativo poderá indicar um máximo de 05 (cinco) concorrentes para cada uma das duas categorias da premiação.

**Art. 13** — As indicações deverão ser encaminhadas diretamente a qualquer membro da Comissão Organizadora, verbalmente ou por escrito, ou ainda por e-mail ao presidente da Comissão Organizadora.

**Art. 14** — Não serão aceitas indicações de trabalhos de autoria do próprio sócio ativo indicante, bem como os de autoria de seu cônjuge, parentes ou familiares.

**Art. 15** — Identicamente, quando editor de fanzine ou publicação, é vedado ao sócio ativo indicar sua própria publicação, bem como indicar na publicação editada por cônjuges, parentes ou familiares.

**Art. 16** — Não serão aceitas indicações de trabalhos de autoria de membros da Diretoria e tampouco de membros da Comissão Organizadora.

**Art. 17** — De mesma forma, não serão aceitas indicações de publicações cujo editor seja membro da Diretoria ou membro da Comissão Organizadora.

**Art. 18** — Devido ao seu caráter excepcional, a categoria ARGOS ESPECIAL não receberá indicações dos sócios ativos, sendo concedida a critério da Comissão Organizadora, conforme expresso no Art. 7º, ressalvando-se o beneplácito da Diretoria mencionado no inciso VIII do Art. 10.

**Art. 19** — A Comissão Organizadora se encarregará de coligir as indicações dos sócios ativos e de divulgar as relações parciais e a lista nominal final de todos os trabalhos e publicações concorrentes, tanto no *Somnium*, quanto no *Boletim Mensal* do CLFC e dos principais fanzines do gênero.

**§ único** — Por questão de transparência administrativa, desta lista final constarão os nomes dos trabalhos e publicações concorrentes, bem como os nomes dos sócios ativos que indicaram os concorrentes.

## **VI) Da Votação**

**Art. 20** — A Comissão Organizadora fará chegar por via postal a todos os sócios ativos a lista final dos trabalhos e publicações concorrentes, junto com a cédula de votação.

**Art. 21** — Em princípio, a cédula de votação e a lista de concorrentes seguirá por via postal junto com o *Boletim Mensal* do CLFC.

**Art. 22** — A cédula de votação será constituída por 5 (cinco) campos a preencher para cada categoria, numerados 1º, 2º, 3º, 4º e 5º, e que deverão ser preenchidos com nomes ou títulos dos 5 (cinco) melhores concorrentes ou trabalhos, segundo a opinião do eleitor.

**Art. 23** — Os eleitores só poderão votar em nomes e títulos constantes na lista de concorrentes, distribuída em anexo à cédula de votação. Cada campo deverá ser preenchido com o nome ou título de apenas um concorrente.

**Art. 24** — Os eleitores deverão votar sem deixar claros entre os concorrentes de sua preferência e deverão indicar um número mínimo de 3 (três) concorrentes por categoria. Assim, as formas válidas de preencher os campos de votação são as seguintes: a) 1º-2º-3º-4º-5º; b) 1º-2º-3º-4º; c) 2º-3º-4º-5º; d) 1º-2º-3º; e) 3º-4º-5º e f) 2º-3º-4º. As demais formas serão consideradas nulas no cômputo dos votos por categoria.

**Art. 25** — É vedado ao eleitor, sob pena de anulação, votar em seus próprios trabalhos, bem como nos de seu cônjuge, parentes ou familiares.

**Art. 26** — Identicamente, quando editor de fanzine, é vedado ao eleitor votar em sua própria publicação, bem como votar na publicação editada por cônjuges, parentes ou familiares.

**Art. 27** — Os membros da Comissão Organizadora estarão excluídos do processo eleitoral, não podendo votar ou ser votados.

**Art. 28** — No âmbito do Art. 9º, quando não se constituírem em membros da Comissão Organizadora, os membros eleitos da Diretoria poderão votar no prêmio ARGOS.

**Art. 29** — Mesmo na hipótese do Art. 28, os membros da Diretoria não poderão ter trabalhos concorrendo ao Prêmio ARGOS ou, enquanto editores, ter suas publicações concorrendo ao Prêmio.

## **VII) Da Apuração**

**Art. 30** — A Comissão Organizadora promoverá a apuração da votação, através de abertura das cédulas e do cômputo dos votos.



**Art. 31** — O cômputo dos votos se dará através do sistema ponderado seguinte:

1º lugar - 7 pontos;

2º lugar - 5 pontos;

3º lugar - 3 pontos;

4º lugar - 2 pontos;

5º lugar - 1 ponto.

**Art. 32** — Após a apuração mencionada nos artigos anteriores, a Comissão Organizadora divulgará na Lista de Discussão do CLFC na Internet, no *Somnium*, no *Boletim Mensal* do CLFC e nos maiores fanzines do país as relações com os três concorrentes mais votados de cada uma das duas categorias.

**Art. 33** — Os três trabalhos e as três publicações concorrentes que somarem maior número de pontos serão declarados finalistas do Prêmio ARGOS no exercício em questão.

### **VII) Das Premiações**

**Art. 34** — A divulgação dos vencedores, dos segundos e terceiros lugares de ambas as categorias, e a entrega dos prêmios respectivos deverão ser efetuadas durante uma reunião mensal do CLFC na cidade de São Paulo.

**Art. 35** — O primeiro lugar na categoria “melhor trabalho de ficção científica, horror, fantasia ou história alternativa publicado em português” fará jus a uma premiação em dinheiro no valor de **500 (quinhentas) UFIR**.

**Art. 36** — O primeiro lugar na categoria “melhor publicação em português dedicada à ficção científica, horror, fantasia ou história alternativa” fará jus a uma premiação em dinheiro no valor de **500 (quinhentas) UFIR**.

**Art. 37** — Os demais finalistas nestas duas categorias que não os primeiros lugares não receberão qualquer valor pecuniário a título de premiação.

**Art. 38** — A bem da transparência da premiação, a Comissão Organizadora colocará à disposição dos interessados a relação nominal de eleitores com os trabalhos e publicações votadas.

**§ único** — A critério da Comissão Organizadora a relação citada neste artigo poderá ser publicamente divulgada no *Somnium*, no *Boletim Mensal* do CLFC ou na Lista de Discussão que o Clube mantém na Internet.

**Art. 39** — Nas ocasiões em que atribuir o ARGOS ESPECIAL, a Comissão Organizadora decidirá, com o beneplácito da Diretoria, o valor do prêmio a ser concedido.

**Art. 40** — A Comissão Organizadora será responsável pela angariação de recursos para a atribuição das premiações em dinheiro.

### **VIII) Dos Troféus e dos Diplomas**

**Art. 41** — Além da premiação em dinheiro, os primeiros lugares das duas categorias farão jus ao recebimento de um troféu, cujo design e material de confecção deverão ser definidos pela Comissão Organizadora.

**Art. 42** — O primeiro, o segundo e o terceiro lugar de cada categoria farão jus ao recebimento de um diploma cujo layout deverá ser definido pela Comissão Organizadora.

**Art. 43** — O agraciado com o Prêmio ARGOS ESPECIAL fará jus igualmente ao troféu e também ao diploma da premiação.

**Art. 44** — A Comissão Organizadora será responsável pela angariação de recursos para a confecção dos troféus e diplomas.

### **IX) Disposições Transitórias**

**Art. 45** — A primeira Comissão Organizadora nomeada pela Diretoria do CLFC eleita para o biênio 1999-2001 será composta por: Gerson Lodi-Ribeiro (presidente); César Ricardo Tomaz Silva (delegado executivo) e Marcello Simão Branco (delegado executivo).

**§ único** — A escolha dos membros desta primeira Comissão Organizadora se deveu essencialmente à experiência acumulada por esses sócios ativos quando compuseram a Comissão Coordenadora do Prêmio NOVA, sob os auspícios da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF).

**Art. 46** — Esta primeira Comissão Organizadora será responsável pela elaboração do presente regulamento e pela organização do Prêmio ARGOS para o exercício de 1999, a ser concedido ao longo do ano 2000.

**§ 1º** — Os três membros da Comissão Organizadora deverão entregar seus cargos à Diretoria após a cerimônia de entrega do Prêmio ARGOS 2000.

**§ 2º** — A partir da entrega do Prêmio ARGOS 2000, em meados de 2000, a Diretoria do CLFC passará a acumular as funções de Comissão Organizadora do Prêmio ARGOS até o fim da presente gestão.

Rio de Janeiro e São Paulo.  
Em 24 de dezembro de 1999.

Gerson Lodi-Ribeiro  
[presidente]

César Ricardo Tomaz Silva  
[delegado executivo]

Marcello Simão Branco  
[delegado executivo]

# Compre, leia e colabore com os fanzines brasileiros!

• **Astaroth**: Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Hiperespaço**: Editores: Cesar Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação.

Cx. Postal 375, Santo André/SP, 09001-970

• **Hipertexto**: Editores: Carlos André Moraes e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias.

R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.

• **Informativo Perry Rhodan**: Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos.

Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.

• **Intrepid**: Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*.

R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.

• **Juvenatrix**: Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos.

R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Megalon**: Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Contos, artigos, notícias, cinema e quadrinhos.

Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180

• **Notícias... do Fim do Nada**: Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. R. Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150

• **Brief News**: Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.

• **Suplemento de Ficção Científica**: Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formu*

*lário Continuo*, resenhas de livros estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC.

Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

## • Fábrica de Fanzines:

Todos os fanzines da "Fábrica" são editados por Roberto de Sousa Causo.

R. André Dreifus, 109/163 Bloco 2, São Paulo/SP, 01252-901.

**Biblioteca Essencial da FCB**: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

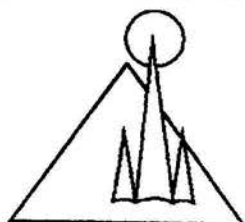
**Borduna & Feitiçaria**: A4, 16 páginas. Fanzine voltado à fantasia herbóica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

**Brazuca Review**: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.

**Diário do Fandom**: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.

**Papêra Uirandê Especial**: A4, 36 páginas. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.

**O Rhodaniano**: A4, 12 páginas. Fanzine sobre a série alemã de FC *Perry Rhodan*.



**C.L.F.C.**

## CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais em São Paulo todos os últimos sábados de cada mês (\*), das **15h às 18h**, no Clube dos Engenheiros: Rua José Paulino nº 7 (Estação da Luz) das **19h** até o último sair (ou ser expulso), na Presto Pizza: Rua Esmeralda nº 39 ( próx. ao Parque da Aclimação)

(\* ) exceto Dezembro, quando ocorre o tradicional almoço de confraternização.



## MINHA CABEÇA



Nos partidos do meu corpo prefiro a  
direita do pensamento Imaginário.

A esquerda ordena  
o compromisso,  
meu raciocínio  
e esta lógica  
crítica analítica.

Com a destra crio  
o sonho acordado,  
lanço a percepção  
do mundo subjetivo,  
rosto, lugar e prazer,  
embora a sinistra  
me dite normas  
objetivas,  
aguçe  
o senso  
global do  
entendimento.

No córtex frontal  
o arquivo da memória,  
os fatos gravo no hipocampo.

A face da amada inventada guardo  
no córtex parietal junto com o tálamo.

O cerebelo garante a prática automática  
de guiar, meus neurônios axônios e sinapses  
disparam a química corrente elétrica que decide  
o que a alma pensa, a carícia ou o tiro, o beijo ou  
a tolice, enquanto a morte não me anula e paralisa.